



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**Iniciar a carreira na educação profissional: o caso do Proeja no campus
Samambaia do Instituto Federal de Brasília**

HOSINEIDE DE FREITAS RESENDE

BRASÍLIA-DF, JULHO DE 2016.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**Iniciar a carreira na educação profissional: o caso do Proeja no campus
Samambaia do Instituto Federal de Brasília**

Projeto de monografia apresentado como pré-requisito para conclusão do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Trabalho sob orientação da Professora Dra. Shirleide Pereira da Silva Cruz.

BRASÍLIA-DF, JULHO DE 2016.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**Iniciar a carreira na educação profissional: o caso do Proeja no campus
Samambaia do Instituto Federal de Brasília**

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr^a Shirleide Pereira da Silva Cruz (Orientadora)

Faculdade de Educação – FE/UnB

Prof.^o Dr^o Erlando da Silva Rêses

Faculdade de Educação – FE/UnB

Blenda Cavalcante de oliveira.

Profa. Especialista Instituto Federal de Brasília- Campus São Sebastião-IFB

Dedico este trabalho à minha família, aos meus pais (*in memoriam*) que são minha base de vida, ao meu esposo e ao meu filho que foi meu companheiro durante a realização desse trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que me amou e cuidou de mim, que me livrou de todo o mal, me protegeu e nunca me desamparou.

Agradeço aos meus irmãos, Hosani, Rosana, Osanildo, Ozanan e Orlando, eles são muito importantes para mim, e amo a cada um incondicionalmente.

Agradeço meu esposo Evaldo, ele foi meu companheiro, teve muita paciência, agradeço pelas vezes que não dormiu esperando eu chegar e sempre estava me esperando preocupado comigo.

Agradeço grandemente ao meu filho e amor da minha vida Gustavo Freitas, sempre me incentivou e nunca deixou que eu desistisse, se cheguei até aqui foi por ele, meu filho, amigo, confidente.

Agradeço a minha orientadora Shirleide Pereira da Silva Cruz, Deus em sua grandiosa bondade permitiu que eu tivesse uma pessoa maravilhosa e amiga ao meu lado, me orientando, me incentivando e participando efetivamente dessa conquista.

Agradeço as minhas amigas de estudo, Fabiana Vicentim e Janaina Torres, são pessoas que guardarei na lembrança e no coração, foram companheiras, amigas e irmãs.

Agradeço as professoras Kátia Augusta Curado, Albertina Mitjás e a Liliane Campos, de certa forma essas mulheres foram um exemplo para mim e me levaram ao prazer de buscar o conhecimento, as admiro como pessoa e como professoras.

Agradeço as professoras (os) que participaram da banca examinadora.

Agradeço aos professores que contribuíram com a minha pesquisa e a todos os companheiros de curso.

E por último, mas não menos importante, quero agradecer aos meus pais Luiza Mavigna e Lourival Oliveira, apesar de não estarem mais aqui, eles são muito presentes em minha vida, lembro com amor, saudade e com muita gratidão.

Os que confiam no SENHOR serão como o monte de Sião, que não se abala, mas permanece para sempre.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo identificar os desafios, dificuldades e descobertas de professores que iniciam a carreira na educação profissional em cursos de PROEJA, no Instituto Federal de Brasília-(IFB). O interesse pelo tema surgiu de inquietações suscitadas durante as reuniões de projeto 3 e 4 na Universidade de Brasília (UnB) durante o curso de pedagogia. Tivemos como referencial teórico a análise dos documentos legais sobre o Proeja, estudos sobre professor iniciante e sobre a formação e atuação de professores para a educação profissional. Em busca de atingirmos nosso objetivo, fizemos revisão bibliográfica tendo como base os periódicos da Qualis A1, A2 e B1, nos quais buscamos artigos que trouxessem discussões sobre nossa temática. A pesquisa realizada seguiu uma abordagem qualitativa, realizamos entrevistas semiestruturadas com quatro professores iniciantes no programa Proeja do IFB- campus Samambaia. Com base nas análises das entrevistas podemos perceber que os principais desafios e dificuldades desses professores são: a) Desafios: Percepção das especificidades dos alunos para proporcionar um plano de ensino adequado. Adaptação dos conteúdos para atender as dificuldades dos alunos. Proporcionar aos alunos um ensino que os permita se desenvolver na escrita e na leitura. Motivar os alunos a permanecerem no curso. Lidar com a heterogeneidade; b) Dificuldades: Evasão, apatia, cansaço e desânimo do aluno. Falta do conhecimento específico do Proeja na formação inicial. Currículo não apropriado; e c) Descobertas: experimentar metodologias que consideraram como eficientes.

Palavras-chave: Profissionalidade Docente. Professor Bacharel, na Educação Profissional. Professor Iniciante.

ABSTRACT

The objective of this job is identifying the challenges, the difficulties, and discoveries of teachers who begin their career in the professional education in courses of PROEJA at the Federal Institute of Brasília - IFB. The interest in the subject appeared from concerns raised during the meetings of Project 3 and 4 at University of Brasília in the Pedagogy Course. The theoretical support were the legal documents about PROEJA, studies about beginner teachers, and teachers' formation and performance in professional education. Seeking for achieving our goal, we made bibliographic reviews based on periodicals of Qualis A1, A2, and B1, in which we looked for articles that provide discussions about our theme. The research realized followed a qualitative approach; we made semi-structured interviews with four beginner teachers in PROEJA program of IFB Campus Samambaia. Based on the analysis of the interviews, we could see the main challenges and difficulties of those teachers. They are: a) Challenges: The perception of students' specialties to provide an appropriate lesson plan. Adapting the content to attend students' difficulties. Providing students an education that develop their writing and reading. Motivating students to keep in the course. b) Difficulties: Students evasion, apathy, tiredness, and discouragement. The lack of PROEJA specific knowledge in initial formation. An inappropriate curriculum. c) Discoveries: To experiment methodologies considered efficient.

Key-words: Teacher profession. Bachelor teacher in professional education. Beginner teacher.

LISTA DE SIGLAS

CAVG – Conjunto Agro técnico Visconde da Graça

CEAA – Campanha Nacional de Educação de Adolescentes e Adultos

CNI – Confederação Nacional Da Indústria

EJA – Educação de Jovens e Adultos

EP – Educação Profissional

EPT – Educação Profissional e Tecnológica

FIC – Formação Inicial e Continuada

GEPFAPE – Grupo de Estudo e Pesquisa sobre Formação e Atuação de Professores e Pedagogos

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IFB – Instituto Federal de Brasília

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MEC – Ministério da Educação

MOBRAL – Movimento Brasileiro de Alfabetização

PNE – Plano Nacional de Educação

SEA – Serviço de Educação de Adolescentes e Adultos

SENAI – serviço nacional de aprendizagem industrial

UNB – Universidade de Brasília

SETEC – Secretaria de Educação Profissional E Tecnológica

PROEJA – Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos

SUMÁRIO.

Introdução	17
Capítulo 1 – O que é Proeja?	24
1.1 Análise da produção acadêmica em periódicos sobre professor iniciante na educação profissional e Proeja.....	28
Capítulo 2	
A questão da formação e atuação de professores para a educação profissional: alguns apontamentos	36
Capítulo 3	
Conhecendo o campus Samambaia	44
3.1 Conhecendo os professores.....	48
3.2 - Início da carreira. Desafios, dificuldades e descobertas	51
Considerações finais	61
Referências	65
Anexo 1	68

PARTE 1

MEMORIAL.

Nem sempre falar de si mesma é uma tarefa fácil, por vezes passamos situações que lembramos com alegria, de outras situações sentimos saudade e algumas nos entristece, mas sempre peço a Deus que permita que eu esqueça o que doeu no passado, me lembre do que fez bem e que eu sempre agradeça por tudo. E como tudo na vida passa e passa rápido prefiro não lamentar o que vivi, mas sim celebrar o que tenho ainda para viver.

Quero falar um pouco da minha trajetória escolar, entrei na escola com 7 anos e após mudar de cidade acabei perdendo o ano letivo, então fiquei atrasada na escola, sempre estudei com alunos mais novos do que eu, na adolescência perdi mais um ano pois parei de estudar e fui trabalhar. Não conseguia trabalhar o dia inteiro e a noite ir para a escola, e como meus pais, apesar de todo esforço, não conseguiam dar o sustento adequado, tínhamos que escolher entre trabalhar e estudar e o financeiro acabava contando mais. Não me lamento por isso, pelo contrário, foram essas dificuldades que sempre me deram forças e esperança para lutar e correr atrás dos meus objetivos.

Fiquei um tempo afastada da escola e quando retornei já havia casado e tinha um filho, já estava com 24 anos, mais uma vez era a aluna mais velha da turma, só que eu estava decidida a não parar até me formar no ensino médio. Aqui já senti muita dificuldade pois quando parei de estudar eu fazia o curso de contabilidade na escola e ao retomar os estudos não havia mais o antigo 2º grau, agora era ensino médio, foi um choque de realidade perceber que tantas coisas haviam mudado e eu estava totalmente desatualizada, mas enfim, eu queria meu diploma.

Dessa vez eu não trabalhava, mas tinha um problema ainda maior a ser superado, eu não tinha com quem deixar meu filho. Nessa época minha mãe adoeceu e não podia me ajudar, por várias vezes pensei em desistir, mas sentia uma necessidade imensa de estudar e então decidi que o levaria para a escola. Ele tinha 3 anos, meus professores foram gentis e permitiam que eu o levasse comigo para estudar, meus colegas me ajudaram muito, ele era a mascote da escola, todos se divertiam com ele. No último ano no 3º semestre meu pai faleceu, foi um momento bem delicado na minha vida, pensei em

parar, mas tinha amigas maravilhosas que me deram suporte, me ajudaram com os trabalhos, os professores adiaram minhas provas e trabalhos até eu me recuperar e voltar, e até que enfim formei. Nossa! Com muita lágrima, com muita alegria consegui meu tão sonhado diploma.

Com a formação familiar que tive isso já era o bastante, dentre seis filhos eu era a segunda a me formar no ensino médio, já era uma vitória, mas eu sentia que era pouco e queria mais. Deixei por um tempo a ideia de voltar a estudar, não tinha condições de pagar uma faculdade e a UnB para mim era algo impossível, nem pensava, nunca tinha procurado saber como poderia estudar na instituição pois até então pensava que só quem tinha tido uma ótima formação conseguiam passar no vestibular, esse universo não era para mim, era inimaginável.

Pode parecer um pouco árduo o meu relato até aqui, mas foi essa a minha realidade de vida, fui criada por pais sem estudos, então incentivar os filhos a estudar não era para eles prioridade, não os culpo e nunca os culpei, fiz parte da formação deles, éramos incentivados a trabalhar, a sermos honestos, tudo o que eles presavam na vida era o nome limpo e que fossemos pessoas íntegras e agradeço demais por ter nos criados assim. Só que dentro de mim ardia uma chama pelos estudos, eu queria saber mais, e comecei a alimentar essa vontade de ter uma profissão, não me contentava mais em ser dona de casa, ou vendedora (nada contra) mas eu queria um diploma de nível superior, queria ser formada e fui atrás desse sonho, dessa chama.

Comecei a fazer o ENEM para conseguir uma bolsa no Prouni, e fui lendo e estudando em casa, pegava provas de anos anteriores e fui estudando. Um dia me deparei com uma frase que eu jamais havia lido, nesse dia minha vida mudou, meus anseios, meus desejos tiveram mais força e decidi que iria entrar na UnB, a frase era de Albert Einstein “Quando uma mente se abre a uma nova ideia, jamais voltará ao seu tamanho original”. Percebi que tinha que expandir meus conhecimentos, abrir minha mente para o novo.

Finalmente em 2012 aos 36 anos consegui o feito de entrar na UnB, chorei muito, me senti realizada, nem tinha começado a estudar e eu já me sentia feliz demais, entrei pelo ENEM. Mas como tudo na vida não são flores me arrependi do curso que havia escolhido, Letras-Espanhol. Senti muita dificuldade e, novamente, eu era uma das mais velhas da turma, ai tinha que

acompanhar conteúdo em uma língua que não tinha domínio, tinha que conviver com alunos mais novos e de realidades bem diferentes da minha. Foi complicado no início, meu filho era meu suporte, ele falava que eu tinha que ser exemplo, que se toda vez que viessem as dificuldades eu desistisse do que queria eu estaria mostrando para ele que era assim que tinha que fazer. Senti vergonha, mas estava confusa com relação ao curso.

Comecei a pensar em trocar de curso, fiz a matrícula em *Didática Fundamental* para conhecer um pouco do curso de Pedagogia, essa disciplina foi um divisor de águas. Finalmente resolvi assumir o que sempre quis ser desde criança, “ professora” eu amava a aula da professora Liliane Campos, ficava fascinada com a forma que lecionava. Então no semestre seguinte quis pegar mais uma disciplina *Organização da Educação Brasileira*, foi onde conheci a professora Shirleide, pronto... um cupido da pedagogia! Flecha no coração! Apaixonei pela pedagogia e resolvi fazer vestibular para trocar de curso. Passei em primeira chamada, troquei de curso e me identifiquei muito! Nesse ambiente escolar aprendi muita coisa, tive a oportunidade de participar de palestras, grupos de estudo, seminários, projetos e várias atividades de grande importância para minha formação.

Participar do projeto 3 e do grupo de pesquisa foi o que me impulsionou a pesquisar sobre a temática da minha monografia. As discussões, leituras, o interesse pela EJA e a pesquisa sobre professores iniciantes foram de extrema importância para essa escolha.

Meu filho de um conselheiro passou a ser um companheiro de universidade, entrou na UnB com 17 anos. Devido tudo que passei, sempre incentivei ele a estudar, a lutar por objetivos e pela sua formação. Sou uma mãe orgulhosa, sou dona de casa, aluna, esposa, professora, pesquisadora e sei que posso ser muitas outras coisas, basta acreditar em mim mesma.

Meu nome é Hosineide, pernambucana, filha de pernambucanos com muito orgulho e aqui estou eu me formando aos 39 anos com muita luta, com muita alegria e gratidão, não foi fácil e sei que ainda virá muita coisa pela frente, que esse é apenas o início do que eu quero alcançar. Mas, como aprendi com Eulina que é uma amiga/mãe, vivo um dia de cada vez e assim pretendo seguir, devagar e sempre, mesmo que tardiamente, mas enquanto há

vida, haverá lutas, mas, haverá vitória e irei caminhar com a graça do nosso Deus.

PARTE II

Introdução

Este estudo surgiu da minha experiência durante a realização do curso de pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Principalmente a partir de temáticas abordadas nas reuniões de Projeto 3 e 4, do grupo de estudo Grupo de Estudo e Pesquisa sobre Formação e Atuação de Professores e Pedagogos (GEPFAPE) e da realização do Proic sob a orientação das Professoras Shirleide Pereira da Silva Cruz e Kátia Augusta Curado Pinheiro Cordeiro Da Silva. Dentre elas a Educação de Jovens e Adultos (EJA) relacionada à educação profissional com foco na atuação e formação de professor para essas modalidades de ensino.

Sempre tive interesse pela temática da EJA e durante o curso o interesse em pesquisar além do que era ministrado em sala de aula se intensificou, e foi com o projeto 3 que me senti desafiada a entender mais essa modalidade vinculada à educação profissional.

A Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade de educação voltada ao atendimento daquelas pessoas que não iniciaram ou por algum motivo interromperam sua trajetória escolar. A EJA compreendida como modalidade da educação básica apresenta-se como política pública que vai incidir diretamente na luta travada pelo direito à educação, e requer condições que proporcione e estimulem os jovens e adultos a se constituírem como sujeitos, e está garantida na Constituição Federal de 1988 no Artigo 208 e é garantida hoje na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996

Art. 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.

§ 1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

§ 2º O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si.

Porém, o acesso à educação para esse público não ocorre como deveria ser, nem sempre a escola tem o suporte necessário para receber e manter esses alunos durante o ano letivo, as evasões são alarmantes devido a vários motivos. Em muitos casos a educação de jovens e adultos tem sido reduzida às ações de alfabetização desarticuladas com a educação regular. Desde muito tempo tem se pensado em métodos e campanhas para erradicar o analfabetismo de adultos.

“As propostas de escolarização para pessoas jovens e adultas no Brasil foram marcadas por uma concepção compensatória de educação que se restringia a possibilitar a “recuperação do tempo perdido” (Batista, 2011) valorizando-se mais o resultado de tempo do que a qualidade de ensino. Várias foram as tentativas de se implantar programas para dar conta dessa “recuperação”.

O tema e os embates entre as diferentes concepções sobre a educação de jovens e adultos não são de hoje, vem sendo tratados há décadas e têm sido palco de erros e acertos, de políticas públicas ineficazes e sem continuidade.

A Constituição de 1934, no Artigo 150, aponta uma educação voltada para o adulto com a criação do Plano Nacional da Educação, que consolida como dever do Estado o ensino primário integral gratuito e de frequência obrigatória, extensivo aos adultos.

Durante décadas foram acontecendo reformas na educação e novas propostas de educação para jovens e adultos. Podemos referenciar algumas, como, por exemplo, na década de 1940 a criação do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), criado em 22 de janeiro de 1942, pelo Decreto-Lei n.º 4.048, do então presidente Getúlio Vargas, vinculando a educação de adultos com a educação profissional, esse decreto determinava que a instituição de educação profissional fosse mantida com recursos advindos dos empresários e administrada pela Confederação Nacional Da Indústria (CNI).

Em 1946 com o Decreto – Lei n.º 8.529, de 2 de janeiro de 1946 surge a Lei Orgânica do Ensino Primário que previa o ensino supletivo para adolescentes e adultos. No ano de 1947 aconteceu o I Congresso de Educação

de Adultos e no mesmo ano teve a criação do Serviço de Educação de Adolescentes e Adultos (SEA). Em 1950, aconteceu a Primeira Campanha Nacional de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA) e 1958 ocorreu o II Congresso Nacional de Adolescentes e Adultos.

Na década de 1960, foi criado o “método Paulo Freire”, esse método foi aplicado pela primeira vez na cidade de Angico, no Rio Grande do Norte, e se alastrou rapidamente pelo Brasil pelo seu sucesso em alfabetizar. Paulo Freire propunha que a realidade do educando fosse levada em conta, assim como sua história de vida e suas experiências, suas contribuições foram significativas ao considerar esses aspectos

[.....] o método de Paulo Freire que em uma concepção libertadora, considerava a realidade em que o aluno estava inserido para promover sua emancipação da condição de oprimido para a de cidadão crítico e atuante na sociedade. (BELUZO, 2015, p.197)

O método Paulo Freire foi interrompido com o Golpe Militar de 1964 que não queria que o povo tivesse uma consciência crítica, mas que permanecesse na alienação, sendo instruídos com uma educação que os levassem somente ao mercado de trabalho.

Em 1970, surge mais uma tentativa de erradicar o analfabetismo no Brasil, ainda durante o Regime Militar o governo Federal cria o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), o programa foi criado em dezembro de 1967, de acordo com a Lei n.º 5.379, pretendia-se no prazo de 10 anos acabar com o problema do analfabetismo, porém, não alcançou sucesso e desviou-se dos seus objetivos e o índice de analfabetos continuava alto. Logo após a queda do Regime Militar foi substituído em 1985 pela fundação EDUCAR que também foi extinta em 1990, durante o governo do então presidente Fernando Collor.

É notável que não foram poucas as tentativas de aniquilar o analfabetismo de jovens e adultos, porém percebe-se que a intenção da maioria dos programas era voltada para uma educação rápida que somente representaria números, pois acredito que o foco era a imagem do País e não a educação em si do educando. E temos tantos outros projetos, campanhas e

programas que visavam dar conta da educação e por questões políticas de poder e sem integrar o interesse do educando foram extintos mantendo assim um grande número de jovens e adultos ainda sem alfabetização e qualificação adequada.

Muitos alunos procuram na EJA uma forma de recuperar a autoestima, de mudar de vida, enfim um recomeço. E a maioria dos que adentram nessa modalidade são adultos, responsáveis pela família e procuram uma ascensão social, financeira e profissional. Segundo Costa, Álvares e Barreto (2006, p.20), os alunos da EJA saem e retornam a sala de aula pelo mesmo motivo “ o trabalho”. Essa responsabilidade de ser o principal provedor e ter que trabalhar é um dos motivos que retiram o aluno da escola, porém a necessidade de se preparar para o mercado de trabalho o faz retornar à sala de aula.

Adultos e adolescentes que almejam retornar à escola procuram uma educação básica que lhe ofereça uma formação profissional para que alcance seus objetivos e com isso ingressam em turmas do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA).

O Proeja oriundo do Decreto regulamentado pelo n.º 5.478, de 24 de junho de 2005 depois foi substituído pelo Decreto n.º 5.840, de 13 de julho de 2006, é um programa de integração das modalidades de Educação de Jovens e Adultos e Educação Profissional (EP), ou seja, é uma alternativa para a formação básica e profissional ofertada àqueles que não conseguiram adentrar ou permanecer na escola no tempo adequado e é um direito assegurado para todos terem acesso à uma educação pública, gratuita e de qualidade. O Documento Base da Educação Profissional Técnica de Nível Médio/Ensino Médio elaborado em 2007 explicita que:

A educação de jovens e adultos (EJA) no Brasil é marcada pela descontinuidade e por tênues políticas públicas, insuficientes para dar conta da demanda potencial e do cumprimento do direito, nos termos estabelecidos pela Constituição Federal de 1988. Essas políticas são, muitas vezes, resultantes de iniciativas individuais ou de grupos isolados, especialmente no âmbito da alfabetização, que se somam às iniciativas do Estado (BRASIL, 2007, p.9)

De acordo com Moraes, Ferreira e Monteiro (2011, p.101), o Proeja busca proporcionar uma formação ampliada para a vida, não pretendendo ser apenas um programa que prepare para o mercado de trabalho, mas sim que ofereça uma formação que irá contribuir para a autonomia dos educandos, contribuindo com a formação intelectual e crítica da sua inserção, ou seja, a formação integral de jovens e adultos.

O Proeja é um programa recente criado pelo governo Federal e já tem toda uma discussão para que ele se torne uma política de estado, porque mesmo ele sendo um programa já instalado dentro dos Institutos Federais (IFs), ele pode vir a ser descontinuado, mas se for política de estado, ele pode ter continuidade, podendo assim, oferecer oportunidade de qualificação profissional para aqueles que não tiveram a oportunidade de estudar.

Nas 26 metas do PNE de 2001, instituído pela Lei n.º10.172/2001, não estava previsto a integração da modalidade EJA a educação profissional, porém no PNE de 2014, instituído pela Lei n.º 13.005/2014, que apresentam as 20 metas, já está previsto com as metas 10 e 11. A meta 10 prevê o “EJA integrada à Educação Profissional busca oferecer, no mínimo, 25% (vinte e cinco por cento) das matrículas de educação de jovens e adultos, nos ensinos fundamental e médio, na forma integrada à educação profissional”. Já a Meta 11 refere-se à “Educação Profissional” e pretende triplicar as matrículas da Educação Profissional Técnica de nível médio, assegurando a qualidade da oferta e pelo menos 50% da expansão no segmento público.

Outro fator importante, que me instigou a esse trabalho é a formação de professores, acredito que antes de tentarmos entender todos os problemas que configuram a modalidade e os sujeitos da EJA/Proeja, devemos primeiramente entender quem é o professor que leciona para esse público, qual a sua formação, suas expectativas e desafios. E mais ainda aqueles professores que acabam por iniciar a sua carreira já em salas com esse público tão específico.

O início da docência é marcado por vários conflitos, esse é o momento que saímos da sala de aula como alunos, para assumirmos uma turma como professores. Ansiedade e medo são sentimentos que podem nos acompanhar no decorrer desse processo e inúmeras são as dúvidas com relação a esse início, dúvidas de como ter domínio de turma, interação com professores

experientes, como lidar com os pais, insegurança perante aos alunos, entre outros e passar por esse processo não é fácil.

Essa iniciação pode ser crucial para a decisão de permanência ou não do docente iniciante na profissão. Ao pensarmos na docência iniciante não podemos nos ater somente a educação infantil ou ao ensino de adolescente, pois, nem todos que saem da faculdade e vão para uma sala de aula irão lecionar para esse público. Vários caminhos são traçados após a formação, uns o fazem por amor à carreira, outros por necessidade e são inúmeros os fatores de interferências nas escolhas pós-formação, mas nem todos têm a escolha de optar por aquilo que querem e por vezes devidos as dificuldades alheias à própria vontade ingressam em classes de EJA e ou Proeja, trabalhando assim com o público de jovens e adultos.

Na revisão bibliográfica, que faz parte da metodologia da pesquisa, com o intuito de pesquisar sobre a produção de estudos e também sobre formação de professores para a educação profissional e a inserção desses profissionais em cursos do Proeja, recorreremos aos periódicos Qualis A1, A2 e B1, como fonte. Nesses artigos são discutidos assuntos como a identidade e profissionalidade docente, formação inicial e continuada de professores, formação do docente para a Educação Profissional e Tecnológica (EPT), e outros assuntos como currículo, especificidades do trabalho docente na EPT e no Proeja, mas nenhum trata especificamente da inserção de professores iniciantes no Proeja.

Como inquietação me propus a pesquisar quem é o professor que leciona em turmas de Proeja, identificar os desafios, as dificuldades e as descobertas de professores que iniciam a carreira na educação profissional ofertada por este programa. Por se tratar de um público diferenciado, estudos sobre a profissionalidade docente relacionados à inserção na docência mostram que o “choque da realidade” ainda é maior devido às especificidades da atuação naquela modalidade.

Assim o professor iniciante que irá trabalhar no Proeja precisa articular a fase da descoberta, à docência na EJA e o programa da educação profissional. Outro eixo do meu trabalho é problematizar quem é o sujeito que se forma em bacharelado e vai para sala de aula. Segundo Oliveira e Silva (2012):

O termo formação docente, na maioria das vezes, tem se apresentado como uma dificuldade de muitos professores, principalmente daqueles que por possuírem formação inicial em curso de bacharelados não obtiveram formação para a docência, ou mesmo aqueles que no período em que cursaram a pós-graduação, principalmente nos níveis de mestrado e doutorado, não participaram de formações voltadas para atuar como professor como é o caso de muitos bacharéis que atuam como docentes nas universidades e nos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia. São esses profissionais que chamamos bacharéis-docentes, aqueles que sem uma formação didático-pedagógica para a docência tem exercido a profissão. (OLIVEIRA E SILVA, 2012, p. 197.)

Diante dos fatores apresentados, referentes ao interesse pelo tema da pesquisa, apresento os resultados encontrados, pretendendo assim contribuir para estudos sobre os desafios, dificuldades e descobertas de professores que iniciam a carreira em turmas de Proeja no IFB.

Apresentarei em três capítulos os resultados da pesquisa que foi embasada em pesquisa bibliográfica, nos periódicos da Qualis A1, A2 e B1, em que pesquisamos pelas palavras-chaves: Professor Bacharel, Professor Docente, Professor da EPT, Profissionalidade Docente, Professor Bacharel na Educação Profissional, Professor do Proeja e Proeja e a análise das entrevistas.

No primeiro capítulo iremos tratar sobre o que é o Proeja. No segundo capítulo, falaremos sobre formação de professor e início da docência e no terceiro capítulo apresentaremos as análises das entrevistas feitas com os professores do Proeja do IFB -Samambaia.

CAPÍTULO 1

1.1- O que é o Proeja?

A educação de jovens e adultos por anos vem sendo negligenciada no país como uma política pública contínua. As políticas voltadas para essa modalidade

são marcadas por retrocessos e descontinuidades e em pleno século XXI, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) 2014, temos a marca de 13 milhões de analfabetos no Brasil, ou seja, o percentual de analfabetismo é de 8,3% da população.

Nos dias atuais, os estudos são pré-requisitos para quase todos os empregos e aqueles que não os possuem são desqualificados para tais trabalhos, logo, as pessoas analfabetas não possuem muitas oportunidades para trabalhar, e se tornam obrigadas a irem para as áreas menos procuradas e menos valorizadas.

Para diminuir essas dificuldades muitas pessoas recorrem a Educação de Jovens e Adultos, como forma de recuperar o tempo que passaram fora da sala de aula em um tempo curto, porém, as dificuldades encontradas no percurso fazem com que muitos desistam novamente.

O público da EJA é constituído por pessoas que, em sua maioria, são trabalhadores e responsáveis por seus lares e/ou suas famílias. São adultos que procuram uma formação acadêmica, porém, não podem se eximir de suas responsabilidades junto as suas famílias. Juntando a necessidade de cooperar financeiramente nos seus lares com a necessidade educacional, o jovem ou adulto busca no Proeja uma educação básica conciliada com uma educação profissional.

O Proeja foi criado em 2005, oriundo do Decreto regulamentado pelo n.º 5.478, de 24 de julho de 2005, inicialmente Programa de Integração da Educação Profissional ao Ensino Médio na Modalidade Educação de Jovens e Adultos e depois foi substituído pelo Decreto n.º 5.840, de 13 de julho de 2006, que agora é um Programa de integração das modalidades de Educação de Jovens e Adultos e Educação Profissional (EP), ou seja, oferece uma formação básica e profissional para aqueles que não tiveram a oportunidade de estudar

no tempo certo ou que não conseguiram ao menos entrar na escola e é um direito assegurado para todos terem acesso à uma educação pública, gratuita e de qualidade.

Esse novo decreto trouxe mudanças para o programa Proeja. Inicialmente o Proeja era voltado apenas para o ensino médio, agora foi estendido aos alunos que não tiveram oportunidade de concluir o ensino fundamental, com isso garante a esses alunos não só a educação básica, como a oportunidade de se profissionalizar. Segundo o Artigo 1º do Decreto n.º 5.840, de 13 de julho de 2006:

§ 2º Os cursos e programas do PROEJA deverão considerar as características dos jovens e adultos atendidos, e poderão ser articulados:

I - ao ensino fundamental ou ao ensino médio, objetivando a elevação do nível de escolaridade do trabalhador, no caso da formação inicial e continuada de trabalhadores, nos termos do art. 3º, § 2º, do Decreto n.º 5.154, de 23 de julho de 2004;

Com relação à carga horária dos cursos do Proeja, a mudança estabelecida encontra-se no Artigo 3, incisos I e II, do Decreto n.º 5.840, de 13 de julho de 2006, referentes à formação inicial e continuada de trabalhadores, que passaram a contar com uma carga horária mínima de mil e quatrocentas horas, sendo que deverão ser destinadas para a formação geral mil e duzentas horas e para a formação profissional o mínimo de duzentas horas. Já no Artigo 4, incisos I, II e III, em que a educação profissional técnica de nível médio do Proeja passa a ter a carga horária mínima de duas mil e quatrocentas horas destinadas para a formação geral e a carga mínima estabelecida para a respectiva habilitação profissional técnica.

Foi criado em 2007, o Documento Base do Proeja, esse documento apresenta o que é o programa e trata dos seus princípios, concepções e orientações sobre o Proeja, sendo que temos três diferentes documentos. Cada um tem suas especificidades: o primeiro é referente à Educação Profissional Técnica de Nível Médio / Ensino Médio; o segundo é sobre a Formação Inicial e Continuada/ Ensino Fundamental; e o terceiro é o

Documento Base de Educação Profissional e Tecnológica Integrada a Educação Escolar Indígena.

O Documento Base do Proeja Indígena traz como objetivo “fornecer alguns referenciais para integração entre a educação profissional e tecnológica e a educação escolar indígena, orientando os interessados nessa oferta educativa na construção de seus projetos” (BRASIL, 2007). O Documento ainda ressalta que a Educação Profissional e Tecnológica integrada a Educação Escolar Indígena é uma proposta recente, que surgiu após diversas necessidades relacionadas aos indígenas, apresentadas pelo próprio movimento indígena por escolaridade e profissionalização. De acordo com o Documento Base (2007), um dos objetivos do programa é essa dualidade:

O Programa tem como diretriz, para que o referencial dado pelo Documento se concretize, a oferta de uma formação integral que prepare para o exercício profissional indígena na comunidade indígena. (Brasil, 2007, p. 19).

Quando pensamos em educação profissional, logo nos remete a ideia de que a modalidade que oferta essa educação somente se compromete a preparar para o mercado de trabalho, oferecendo uma oportunidade de profissionalização, mas o que se deseja realmente com a integração com a educação básica, segundo o Documento Base é

[...] uma formação que permita a mudança de perspectiva de vida por parte do aluno; a compreensão das relações que se estabelecem no mundo do qual ele faz parte; a ampliação de sua leitura de mundo e a participação efetiva nos processos sociais. Enfim, uma formação plena. Para tanto, o caminho escolhido é o da formação profissional aliada à escolarização, tendo como princípio norteador a formação integral. (BRASIL, 2007, p. 5)

Percebemos que as propostas do programa não estão voltadas somente para uma formação educacional ou profissional, mas, sim, para que o educando tenha autonomia, que ele seja sujeito da sua formação e tenha plenas condições de ser um cidadão consciente do seu pertencimento.

O professor Miguel Arroyo participou de uma palestra em 2010, do Fórum EJA MG-SP, e fez indagações sobre o Proeja, inclusive sobre a limitação e negação dos direitos a educação aos adultos, ele disse ainda que a educação está avançando com relação a esse direito, porém negam-se a aceitar o direito à formação profissional. Ele chamou a atenção para que se façam estudos mais aprofundados sobre essa questão. Ele também deixa claro que o Proeja não deve ser visto como um programa de compaixão com os excluídos, pois, segundo ele, os alunos não estão excluídos, concluindo com a fala de que o capitalismo não deixa “nada de fora”. Shiroma e Filho (2011) também reforçam essa ideia afirmando que “ a EJA, a EPT e o Proeja não devem ser vistos como serviços de atendimento a carentes: são direitos, direitos à educação básica e à educação profissional (p. 739).

O Proeja não pode ser visto como escape das dificuldades financeiras. Não pode ser pensando como qualificador de mão de obra, pois esses pensamentos desmerecem o intuito do programa. Conforme podemos identificar no Documento Base, o Proeja volta-se para a formação humana integral dos seus sujeitos, pois esses sujeitos devem ter acesso pleno aos conhecimentos da educação integrada à formação profissional, que proporcione a ele compreender o mundo percebendo o seu lugar nele (BRASIL, 2007). De acordo com Silva e Tacconi este programa:

[...] não deve ser simplesmente a oferta de uma preparação profissional imediatista e limitada do indivíduo para atender ao mercado de trabalho. Almeja-se que os indivíduos atendidos pelo programa possam forma-se como pessoas plenas do ponto de vista ético, humano e social; indivíduos que estejam preparados para o exercício da cidadania e aptos a qualificar-se e requalifica-se profissionalmente de maneira contínua. (SILVA, TACONNI. 2013. p. 33)

Para Machado (2011), chegamos ao século XXI, segundo o IBGE (2009), com o número alarmante de 101 milhões de pessoas com 18 anos ou mais, que não chegaram a concluir a educação básica, portanto torna-se cada vez mais evidente a necessidade de estudos e pesquisas para equacionar essa

carência educacional e também mostrar possibilidades de essa escolaridade preparar os jovens e adultos para o mercado de trabalho.

Porém, podemos perceber que são poucas as pesquisas relacionadas à temática da educação profissional vinculada à educação de jovens e adultos. Essas pesquisas se tornam necessárias para conhecermos quem são os alunos interessados na modalidade EJA e no programa Proeja, assim como conhecer os professores que lecionam para esse público, para que haja aprimoramento na educação voltada para ele, que tem suas características específicas. Segundo Machado:

[...] no entanto, por mais óbvia que possa parecer, esta não tem sido uma preocupação evidente no campo da pesquisa educacional, ou pelo menos não ocupa o lugar de uma de suas prioridades. (MACHADO, 2011, p. 19)

Devido a muitas inquietações sobre quem é esse profissional me propus a pesquisar quem é o professor que inicia a carreira na educação profissional em cursos de Proeja, no Instituto Federal de Brasília, identificando os desafios, as dificuldades e as suas descobertas.

1.2 Análise da produção acadêmica em periódicos sobre professor iniciante na educação profissional e Proeja.

Partindo desse interesse foi feita pesquisa bibliográfica utilizando os periódicos Qualis A1, A2 e B1, sendo que os artigos encontrados deveriam datar de 2008 até os dias atuais. Utilizamos as palavras-chave: *Professor Bacharel, Professor Docente, Professor da EPT, Profissionalidade Docente, Professor Bacharel na Educação Profissional, professor do Proeja e Proeja.*

No estrato A1 pesquisou-se 10 revistas. São elas; *Educação em Revista, Educação e Realidade, Educação e Pesquisa, Educação & Sociedade, Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Educar em Revista, Proposições, Revista Brasileira de Educação, Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação, Cadernos de Pesquisa.* Essas revistas tinham 2.370 artigos publicados, foram encontrados somente 18 artigos que tinham uma ou mais palavras-chave pesquisadas e dentre esses 18 somente 4 tratavam do objeto da pesquisa.

Já no estrato A2, pesquisou-se 5 revistas: *Cadernos CEDES, Educação PUCRS, Revista Brasileira de História da Educação, Revista Diálogo Educacional, Revista Educação em Questão (UFRN)*. Impresso. Nessas revistas totalizavam de 592 artigos e nenhum tratava do objeto da pesquisa.

No estrato B1, foram 12 revistas: *Educação e Cultura Contemporânea, Educação em Foco (UFMG), Educação em Foco (UFJF), Educação (UFSM), Educação Unisinos, Em Aberto, Inter-ação (UFG. Impresso), Leitura Teoria e Prática, Linhas Críticas, Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Sociedade e Estado (UnB), Teias (Rio de Janeiro)*. Nessas revistas foram encontrados 1.820 artigos, porém, nenhum tratava sobre o objeto da pesquisa.

Podemos pelos resultados encontrados notar certo silenciamento nas pesquisas com relação à temática do professor iniciante no Proeja, fica evidente a necessidade de estudos para identificar os desafios, as dificuldades e as descobertas de professores que iniciam a carreira na educação profissional em cursos desse programa, podendo assim, contribuir de forma significativa com programas e ações de acolhimento e acompanhamento desses profissionais.

As discussões sobre a profissionalidade do bacharel docente, ou seja, o bacharel que atua como professor e, no entanto, não possui licenciatura ainda são poucas. Essas discussões são importantes para a formação dos professores. Os poucos artigos encontrados mostram as angústias, as dúvidas e a resistência dos professores que lecionam no Proeja. Os artigos encontrados tratam de temas relacionados ao Proeja, no entanto, nenhum fala especificamente sobre o professor que inicia sua carreira diretamente em turmas de Proeja. Os artigos encontrados foram os seguintes: *Educação profissional e Proeja: processos de adesão e resistência à implantação de uma experiência*, de Andressa Aita Ivo e Álvaro Moreira Hypólito. 2012; *Trabalho docente na Educação Profissional e Tecnológica e no PROEJA*, Eneida Oto Shiroma, Domingos Leite Lima Filho (2011); *O desafio da formação dos professores para a EPT e Proeja*, Lucília Regina de Souza Machado (2011); e *Formação do docente da educação profissional e tecnológica no Brasil: um diálogo com as faculdades de educação e o curso de Pedagogia*, Olgamir Francisco de Carvalho, Francisco Heitor de Magalhães Souza (2014).

O artigo “Educação profissional e Proeja; processos de adesão e resistência à implantação de uma experiência”, de Andressa Aita Ivo e Álvaro Moreira Hypólito aborda os processos de adesão e resistência de docentes na implantação de um curso do Proeja em uma escola agrícola. O trabalho mostra resultados sobre o posicionamento dos docentes, relatando suas opiniões iniciais e a mudança delas ao longo do curso. Foi utilizado para essa pesquisa estudo qualitativo, análise de documentos e de entrevistas com docentes e coordenadores que acompanharam o processo de criação do curso.

O artigo começa falando do momento de crise do capitalismo, das políticas públicas voltadas para a educação, em especial a educação de jovens e adultos. A resistência à implantação do Proeja se dá primeiro com relação ao aluno, sobre as dificuldades que eles têm e o segundo com o “trabalho” que os professores terão para se adaptarem a esse público alvo.

Os autores fazem um resumo da criação e implantação da EJA e do Proeja e dos benefícios que ambos podem proporcionar aos alunos. O curso de vestuário foi implantado em 2007 no Conjunto Agro técnico Visconde da Graça (CAVG). Por se tratar de um programa ainda desconhecido da maioria dos professores, tendo vários debates e discussões sobre o assunto, houve divergências com relação à organização pedagógica, currículo, projeto político-pedagógico, entre outros, havendo assim resistência de uns professores e dedicação de outros.

Com os resultados dos depoimentos dos professores pode-se perceber que as inseguranças deles com relação à implantação do Proeja na unidade do ensino foram distintas: uns atribuem ao fato do Proeja não ter a mesma legitimidade dos outros cursos, outros alegam dificuldades em lidar com os alunos, a falta de experiência e alguns professores relatam que as dificuldades estão relacionadas ao fato das políticas serem elaboradas em um contexto externo à instituição e depois inseridas no contexto da escola, levando o professor a ter que se adaptar a essas políticas.

O artigo termina com observações feitas em relação à adesão e às resistências aos programas, apesar de alguns professores se abrirem a essa experiência, ainda tinham um pouco de ressalva e que essa resistência acaba deixando lacunas na formação do aluno do Proeja.

O objetivo do artigo “Trabalho docente na Educação Profissional e Tecnológica no Proeja” de Eneida Oto Shiroma e Domingos Leite Lima Filho de 2011, foi analisar as especificidades do trabalho docente no Proeja. O artigo inicia com uma visão de como está a situação da escolarização no País, o trabalho apresenta dados do INEP referentes às matrículas de alunos no ensino médio, de repetência, analfabetismo e evasão. Ao apresentar tais dados, evidenciam que nem todos têm seus direitos garantidos com relação à educação pública e obrigatória.

Tendo essa realidade sobre a educação, os autores discutem o PNE (2011-2020), indicando que este estabelece três metas direcionadas para o ensino médio de jovens e adultos, que seriam alcançadas por meio de programas e ações como expansão da rede federal de Educação Profissional e Tecnológica (EPT), com o Programa Brasil Profissionalizado e o Sistema Escola Técnica Aberta do Brasil (E-Tec Brasil). Ainda segundo os autores, as desigualdades sociais no Brasil foram responsáveis pelo processo de evasão, e também por um sistema de educação falho, em que a classe trabalhadora tem dificuldades nas conclusões dos seus estudos, sendo assim a educação básica e superior são manipulados pelo capitalismo.

Com essa introdução sobre direito e a falta deles bem como as dificuldades enfrentadas pelos alunos por décadas, os autores fazem um apanhado da criação do Proeja explicitando que:

A construção do Proeja apresenta desafios políticos, epistemológicos e pedagógicos, na medida em que demanda fundamentos teórico-metodológicos, desenvolvimento de pesquisas, criação e consolidação de práticas de ensino-aprendizagem que possam, efetivamente, resgatar essa proposição do mero campo das boas intenções e torná-la uma realidade concreta na educação brasileira. (SHIROMA, FILHO, 2011, p. 729).

O Proeja não é um programa pronto que dará conta de toda essa lacuna educacional deixada na vida dos estudantes jovens e adultos que ficaram por muito tempo fora da escola, por isso a necessidade de estudos e pesquisas para adequação desse programa as necessidades do seu público específico.

Já no que diz respeito aos professores e as especificidades do trabalho docente na EPT e Proeja, o artigo aponta estudos realizados por

pesquisadores, que mostram as condições de trabalho e dificuldades enfrentadas pelos professores quando se trata da dualidade educação básica e profissional. Os autores apontam para a necessidade da formação inicial e continuada e falam sobre a dificuldade enfrentada pelo professor do Proeja por não ter uma formação específica. Relatam que raras são as licenciaturas que tratam sobre a educação de jovens e adultos e utilizam um texto de Aranha para reforçar suas falas

Além do mais, ao contrário do que ocorre no ensino regular, onde o professor é formado para lecionar uma disciplina, na Educação Profissional o docente se envolve, em geral, com uma área do conhecimento. Assim, temos professores que lecionam Mecânica, elétrica, análise química, entre outras, e não professores de disciplinas (matemática, inglês, geografia, etc.). Isso complexifica as exigências e este fato suscitaria a necessidade de um aprofundamento e trabalho diferenciado no campo da formação docente para a Educação Profissional. (ARANHA, 2008, p. 141)

A organização do trabalho pedagógico também é citada pelos autores como sendo uma dificuldade para o professor, que por muitas vezes tem uma carga horária de trabalho extensa, falta material pedagógico adequado e atende uma heterogeneidade de alunos que procuram essa modalidade.

Os autores fazem uma crítica e dizem que as análises do trabalho docente mostram contradições das políticas públicas, que por vezes oferecem uma educação precária a quem mais precisa, utilizam professores substitutos com carga horária extrapolada. Os resultados das pesquisas apresentadas apontam que é preciso mudanças que propiciem a permanência tanto do aluno quanto do professor na sala de aula, e para isso é fundamental, segundo os autores, que se realizem concursos públicos e se assegurem remuneração, condições de trabalho e plano de carreira aos professores.

Para Shiroma e Filho (2011), a educação não deve ser vista como serviços prestados a pessoas carentes, mas sim como direito e à docência não deve reduzida a sobrevivência do professor.

O artigo “O desafio da formação dos professores para a EPT e Proeja”, de Lucília Regina de Souza Machado, de 2011, analisa o desafio nacional da formação de professores para a Educação Profissional e Tecnológica (EPT), o aspecto crítico da expansão que está sendo realizado nesse campo

educacional e o atendimento das suas novas necessidades e demandas político-pedagógicas. No artigo, Machado (2011) aborda aspectos históricos da formação do professor da EPT, dados estatísticos e analisa criticamente dispositivos da legislação educacional brasileira.

O foco da autora é a formação de professores e ela ressalta que a EPT passa por diversos e inúmeros desafios, ela ressalta ainda que “se recrutam” professores para lecionar na EPT, apenas pautados na formação específica e experiência prática, acreditando que a docência acontecerá pelo autodidatismo.

Nos parágrafos seguintes, a autora trata das leis que regulamentam a educação básica, cita dados da sinopse do professor (2009) que mostra as diversidades que tem esse professorado em relação à sua formação pedagógica. Segundo a autora:

a heterogeneidade institucional, situacional e de trajetória profissional do professorado da EPT é um dado importante a ser considerado pelas políticas de formação inicial e continuada destinadas aos docentes, sobretudo quando se pensa que, em vista das atuais questões relativas ao mundo do trabalho, à dinâmica tecnológica e de produção de conhecimentos, à diversidade cultural, à sustentabilidade ambiental, à vida em sociedade, o exercício dessa docência se tornou mais complexo, exigindo-se das práticas pedagógicas maior coerência, consistência, diálogo, participação. (MACHADO, 2011, p.692).

A autora aborda ainda em seu artigo as metas e estratégias que fazem parte da proposta de projeto de lei para o PNE (2011-2020), que foi encaminhada pelo Governo Federal ao Congresso Nacional, no final de 2010. Machado (2011) faz uma rápida explanação do que essas metas representam para a educação de jovens e adultos, para a formação de professores e a educação profissional. Machado faz um retrospecto dos cursos especiais para professores e de como marcou a história da formação de professores da EPT, fazendo um resumo das leis e decretos que regulamentavam esses cursos.

Por fim, Machado (2011) resume sobre a criação do Proeja, mostrando as intencionalidades do programa e o público de sua abrangência, mostra a sua importância para os docentes e professores. Segundo a autora, a Secretaria de Educação Profissional E Tecnológica/ Ministério da Educação (SETEC/MEC), em incentivo ao programa e considerando os desafios nele envolvido, abriu

quatro frentes de formação continuada de professores, sendo a primeira a especialização Proeja, destinadas a docentes e gestores, a segunda consiste no Programa de Apoio ao Ensino e à Pesquisa Científica e Tecnológica em Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos (Proeja-Capes/SETEC), a terceira é destinada aos profissionais de escolas federais e estaduais e consiste na realização de curso de formação continuada em Proeja e a quarta é o diálogo Proeja para a formação de docente para esse programa. Machado (2011) apresenta como resultado sete urgências que surgiram do estudo realizado, no que diz respeito aos desafios atual da formação e inicial e continuada de professores para a EPT.

E o último artigo “Formação do docente da educação profissional e tecnológica no Brasil: um diálogo com as faculdades de educação e o curso de Pedagogia”, de Olgamir Francisco de Carvalho, Francisco Heitor de Magalhães Souza, de 2014. O artigo de Carvalho e Souza (2014), embora não discuta assuntos relacionados aos professores do Proeja, ele vai tratar de assuntos relacionados à formação de professores da EPT, o que o torna pertinente na discussão. As autoras apresentam resultados de uma pesquisa realizada em parceria com alunos de mestrado da Universidade de Brasília (UnB), que tem por objetivo discutir o perfil de formação dos professores da rede federal de EPT.

As autoras iniciam o artigo falando que embora os problemas relacionados à formação do docente para a educação profissional e tecnológica, tem sido palco de constantes debates, ainda não “resultaram em posições conclusivas no que se refere ao processo de formação desse professor”. (CARVALHO E SOUZA, p. 884). As autoras objetivando contribuir para as discussões sobre a formação de professores da EPT, lançam um diálogo com estudiosos como Oliveira Jr. (2008), Schön (2000), Tardif (2002), Machado (2008), Zamborlini (2007), Machado (2010), Carvalho e Lacerda (2010), Moura (2008), entre outros.

Carvalho e Souza (2014) analisaram as Diretrizes Curriculares para os cursos de Licenciatura da UnB e o Projeto Acadêmico do Curso de Pedagogia, na pretensão de perceber como esses documentos compreendem a formação do professor para a EPT, porém neles não é feita nenhuma menção e esse

professorado, com isso elas argumentam que a preocupação com a formação para a EPT está ausente na formação do pedagogo e que isso não é um problema exclusivo da UnB, mas sim das faculdades de educação de todo o País.

Para atingir a pretensão do artigo, que é contribuir com a discussão sobre a formação do docente da EPT, é apresentado e discutido os dados de levantamento realizado juntamente com os alunos durante a disciplina Tópicos de Formação dos Professores de EPT, do Programa de Pós-Graduação em Educação da FE/UnB, no 2^o semestre de 2010, que almejava conhecer o perfil dos docentes da EPT. A investigação realizada apresenta caráter descritivo e exploratório e foi utilizado questionários on-line como coleta de dados.

O critério utilizado pela pesquisa para a investigação é que tivesse, ao menos, um Instituto por região, onde seriam aplicados os questionários, totalizando 18 instituições, sendo que foram quinze IFs, 2 escolas técnicas e 1 Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET). E como resultados dessa pesquisa, foram apresentados o perfil da formação do docente para a EPT, que continha os itens de caracterização individual dos docentes, vínculos funcionais dos docentes, tempo de atuação como docente e experiência profissional, área de formação inicial e instituição de graduação do docente, exercício profissional e formação inicial e continuada dos docentes.

Percebemos com a pesquisa nos periódicos Qualis que a temática sobre iniciação de professor no Proeja é escassa. Diante desse silenciamento, apresento-me com essa proposta de apresentar quais são os desafios, dificuldades e descobertas de professores que iniciam suas carreiras no Proeja, tomando como cenário de pesquisa o IFB-Campus Samambaia.

Capítulo 2- A questão da formação e atuação de professores para a educação profissional: alguns apontamentos

Pensando em uma educação de qualidade podemos citar diversos aspectos, como, por exemplo, a necessidade de espaço físico adequado para acolhimento dos alunos, materiais didáticos apropriados, segurança e várias outras condições que permitam ao aluno permanecer na escola. De acordo com Gadotti (2013), uma escola para ser de qualidade precisa atender a três condições: professores bem formados, condições de trabalho e um projeto. Concordando com Gadotti (2013), podemos perceber a importância da qualidade de ensino oferecido pelos professores como fator primordial para assegurar aos discentes uma educação de qualidade.

Nesse aspecto a Lei n.º 9.394, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB/96) apresenta nos Artigos 61 a 67 questões relevantes sobre a formação de professores. Esses artigos discorrem sobre quem são os profissionais da educação e suas atribuições, assim como apontam quem deverá promover a formação inicial, a continuada e a capacitação dos profissionais de magistério (Incluído pela Lei n.º 12.056, de 2009).

Ainda no que diz respeito à formação de professor, o Plano Nacional de Educação (PNE), Lei n.º 13.005/2014, é uma lei ordinária que tem vigência de dez anos a partir de 26 de junho de 2014, prevista no Artigo 214 da Constituição Federal, apresenta metas e estratégias referentes a essa formação. As metas para a formação dos professores são as de número 15 até a 18. A meta 15 apresenta em seu texto os seguintes objetivos:

Garantir, em regime de colaboração entre a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, no prazo de 1 ano de vigência deste PNE, política nacional de formação dos profissionais da educação de que tratam os incisos I, II e III do caput do art. 61 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, assegurado que todos os professores e as professoras da educação básica possuam formação específica de nível superior, obtida em curso de licenciatura na área de conhecimento em que atuam. (BRASIL, 2014, p. 12)

Para alcançar essas metas são apresentadas estratégias, que tratam de temas referentes a qualificação, formação docente para a educação profissional, formação inicial, iniciação à docência, formação continuada, estágio, entre outros. A meta 16 é referente à formação continuada e pós-graduação de professores, a 17 apresenta como metas questões voltadas para a valorização do professor e a 18 refere-se ao plano de carreira docente.

Será que as universidades têm preparados os docentes para oferecer uma educação de qualidade? Concordamos com Passos e Novicki (2013), quando dizem que “A situação da formação de professores para a educação profissional (EP) não é diferente do que ocorre com os demais docentes da educação básica” (p. 2) e ainda completam que “Existe uma distância entre o que a universidade oferece e a realidade que está à espera do futuro professor” (p.2).

Ainda debatendo sobre a formação de professores Passos e Novicki (2013) enfatizam que:

Apesar das várias políticas públicas implantadas e do esforço das universidades em geral, ainda não se conseguiu formar bons profissionais para a área educacional em geral. Especificamente, no que diz respeito à EP, evidencia-se a necessidade de uma formação de professores para além do improvisado, superando-se a posição missionária do passado e deixando de lado ambiguidades quanto ao papel como profissional. Uma formação que integre teoria e prática e que faça o aluno aprender. (PASSOS E NOVICKI, 2013, p. 2)

No entendimento de Bonfim (2011) a formação inicial é:

A formação inicial de professores é entendida, [...] como aquela ministrada no nível de graduação devendo possibilitar ao seu egresso, as condições de formação profissional provendo condições ao melhor desempenho das atividades profissionais, posto que a docência é uma profissão e como qualquer outra, precede de formação (BONFIM, 2011, p. 66)

Segundo Silva (2011), não podemos considerar a formação inicial como superior às outras formações, pois ela sozinha não garante a qualidade do

profissional, porém é por meio dela que o docente pode construir sua identidade e profissionalização. Ainda segundo Silva:

A formação inicial compõe, junto com a carreira, a jornada de trabalho e a remuneração, elementos indispensáveis de valorização profissional e constituição do profissionalismo. Porém, esta formação inicial é um dos aspectos da formação de professores que, certamente, não define o profissional, nem sua competência, sucesso ou insucesso. (SILVA, 2011, p. 15).

Dessa forma percebemos que a formação de professores faz parte do início da identidade do docente e é um propulsor do que ele irá formar na sua carreira. Silva (2011) define a formação inicial como:

[...] é um processo contínuo de desenvolvimento pessoal, profissional e político-social, que não se constrói em alguns anos de curso, nem mesmo pelo acúmulo de cursos, técnicas e conhecimentos, mas pela reflexão coletiva do trabalho, de sua direção, seus meios e fins, antes e durante a carreira profissional. (SILVA, 2011, p. 15).

Silva (2011) afirma ainda que é por meio do investimento nas condições de trabalho tanto na formação inicial ou continuada, que poderemos ter uma educação de qualidade.

Os desafios para os professores são grandes e a formação inicial não pode e nem consegue formar o profissional completo, é preciso tempo, incentivo e disposição para o aperfeiçoamento do professor. Entendemos assim que a formação do professor para a prática do trabalho docente deve acontecer simultaneamente com a prática e a formação continuada que é um dos meios de garantia para uma educação de qualidade.

Diante disso percebemos que a formação inicial tem um aspecto de introdução e não de completude. É nessa formação que o aluno-professor em formação vai despertar o interesse pela área de atuação, contudo, essa formação por si só não é suficiente para a capacitação profissional.

E quando se trata de formação de professores para a área profissional, a preocupação com a qualidade do ensino oferecido não pode ser diferente. O público que procura a educação profissional e ou Proeja, tem como foco a educação básica associada à profissionalização ou o aperfeiçoamento

profissional. De acordo com Machado (2008), os professores da educação profissional devem ir além do conhecimento prático ou pedagógico para lecionar, segundo a autora é:

[...] é desejável que, além da experiência profissional articulada à área de formação específica, saiba trabalhar com as diversidades regionais, políticas e culturais existentes, educar de forma inclusiva, contextualizar o conhecimento tecnológico, explorar situações-problema, dialogar com diferentes campos de conhecimentos e inserir sua prática educativa no contexto social, em todos os seus níveis de abrangência. (MACHADO, 2008, p.15)

Os professores que iniciam a carreira na educação profissional têm um diferencial e uma problemática a mais, pois nem todos são licenciados. Muitos são bacharéis, porém com aprovação em concurso os professores bacharéis acabam por assumir turmas, sem nunca antes ter tido em seu currículo disciplinas que dessem embasamento do contexto da EJA e tão pouco da educação profissional, de acordo com Bonfim:

[...] muitos professores são graduados em cursos de bacharelado, que não têm o objetivo formar para a docência, o que cria uma necessidade de formação docente complexa do ponto de vista do perfil a ser formado (BONFIM, 2011, p. 20)

E a quanto à formação do professor Carvalho e Souza (2014) também falam dessa questão

[...] formação técnico-pedagógica nos cursos de licenciatura ser obrigatória na modalidade propedêutica e de ser apenas recomendada na educação profissional e tecnológica, ou seja, os estudos propedêuticos requerem professores com formação teórica e metodológica consistente, fundada em conhecimentos gerais e compreensivos, críticos da realidade, portanto pedagogicamente preparados para a sua condução; enquanto que os estudos profissionais e tecnológicos dispensam os saberes da docência. (CARVALHO e SOUZA, 2014, p.885)

Falando da realidade da formação de professores para a educação profissional e do ingresso na carreira Veiga (2011) *apud* Lima (2005)

A exigência legal de ingresso para o cargo da docência tem como critério não a formação inicial como docente, como professor, mas, sim, a formação na área acadêmica de conhecimentos específicos na disciplina a ser lecionada, bem como uma titulação adquirida na formação continuada nos cursos de especialização, mestrado e/ou doutorado (LIMA, 2005, p. 128).

Gouveia (2011) salienta que os “bacharéis na sua formação inicial não vislumbravam o ofício de ser professor”. (p.88), e ainda completa que esses bacharéis “assumem a função de professor nas instituições de ensino profissional e tecnológico desprovidos de formação e sensibilidades pedagógicas necessárias à ‘arte de ensinar” (GOUVEIA, 2011, p. 88).

Os licenciados por sua vez têm pouca discussão sobre esse tema, alguns tiveram uma ou outra disciplina que tratam sobre a EJA e alguma experiência no estágio, assim concordamos com Bonfim (2011) que também faz esse apontamento “no caso dos professores graduados em cursos de licenciatura, nem todos tiveram em seus cursos disciplinas sobre Educação de Jovens e Adultos” (BONFIM, 2011, p. 21).

Machado (2011) diz que “ainda se recrutam professores para a EPT, fiando-se apenas em formação específica e experiência prática, crendo que a constituição da docência se dará pelo autodidatismo” (MACHADO, 2011, p. 691).

Devido a essa inserção como professor na educação profissional, sem ter experiência na docência, alguns professores encontram muitas dificuldades de naturezas distintas. Esse início de carreira pode vir a ser fundamental para a permanência e constituição enquanto profissional. De acordo com Lima (2006), Huberman (1995), ao tratar sobre o ciclo de vida de professores cita a entrada na carreira como a fase inicial desse ciclo e essa fase pode ser entendida, como, os dois a três primeiros anos de ensino. Aponta a sobrevivência e descobertas como aspectos que caracterizam a entrada na carreira.

Ainda segundo Huberman (1995), a sobrevivência pode ser vista como o “choque do real”, ou seja, a confrontação inicial com as complexidades da carreira, as descobertas seriam marcadas pelo entusiasmo inicial. Huberman

(1995) p. 39 diz que apesar de literaturas empíricas apontarem que os dois aspectos “sobrevivência e descobertas” vivem em paralelos, esse segundo aspecto é o que permite aguentar o primeiro.

De acordo com Lima (2006), se tratando do início da carreira podemos dizer que

O início da carreira é visto aqui como uma das fases do processo de desenvolvimento profissional, entendido como um *continuum*, do qual fazem parte tanto a experiência acumulada durante a passagem pela escola enquanto estudantes, quanto a formação profissional específica - que tem sido denominada formação *inicial* - a iniciação na carreira e a formação *continua*. (LIMA, 2006, p. 10)

Diante do exposto podemos dizer que o início da docência começa desde a graduação, no processo de formação inicial, com os estágios e atividades realizadas pelos alunos que serão os futuros professores (LIMA 2006).

Mariano (2005) aborda questões interessantes sobre o início da carreira. Ele afirma que todo início é difícil e não temos como saber o que nos espera nessa jornada. Apesar de muitos pensarem que por um dia terem sido alunos, já sabem como é ser professor, Mariano (2005), afirma que não é tão simples assim. O autor compara o professor a um artista, em que diante de diversas situações deveremos improvisarmos para encenar o nosso papel.

A cada dia construímos uma cena. Porém o espetáculo nunca estará totalmente preparado, mesmo que a ele dediquemos a nossa melhor atuação. Por mais que estudemos o nosso papel e nos julguemos preparados para assumi-lo, sempre iremos encontrar situações nunca antes imaginadas nem vivenciadas. (MARIANO, 2005, p. 18).

O trabalho do professor nunca estará pronto. O início da docência é apenas uma etapa que deveremos passar. É importante se atentar para as deficiências que a formação inicial tem apresentado no sentido de oferecer em seu currículo disciplinas que preparem os alunos para o início da docência. Para Silva (2011), a formação inicial por si só não garante a qualidade do profissional.

Para amenizar essa carência de formação por parte dos professores e gestores, com relação às especificidades do Proeja em 2006, a SETEC/MEC começou a ofertar o curso de especialização para os professores do Proeja, o curso tem por objetivo capacitar os profissionais para atuar no ensino básico integrado à Educação Profissional na modalidade EJA. De acordo com Bonfim (2011), desde o referido ano:

a SETEC/MEC tem buscado o fortalecimento das ações da formação docente para o PROEJA em nível de Especialização em todo o Brasil”, por meio de editais e chamadas públicas abertos às instituições que se credenciaram por meio de propostas de formação docente, de acordo com as exigências dos respectivos editais (BONFIM, 2011, p.76)

Cada instituição que ganhasse no edital tinha obrigatoriamente que ofertar uma especialização para formar o professor, contudo essas instituições só poderiam ofertar depois de terem oferecido a formação continuada. Por meio da SETEC o MEC escolheu 15 polos para ofertar a capacitação de profissionais para sua atuação como docente no Proeja. Entre esses polos estão escolas técnicas, Universidades, Centros Federais.

Os objetivos da Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (SETEC) ao instituir a Especialização PROEJA podem ser sintetizados em três grandes linhas: (a) formar profissionais especialistas da educação por meio do desenvolvimento de conhecimentos, métodos, atitudes e valores pertinentes à atividade da docência no PROEJA; (b) contribuir para implementação democrática, participativa e socialmente responsável de programas e projetos educacionais, bem como identificar na gestão democrática ferramentas que possibilitem o desenvolvimento de estratégias, controle e organização do PROEJA; (c) colaborar no desenvolvimento de currículos integrados de Educação Profissional com a Educação Básica na modalidade EJA, reconhecendo a avaliação como dinâmica, contínua, dialógica e participativa e, ainda, como importante instrumento para compreensão do processo de ensino aprendizagem. (MEC, 2016)

Devida à importância do programa e dos alunos do EJA/Proeja, cabe ao professor aperfeiçoar seus conhecimentos, assim como suas técnicas de

ensino, porém sempre respeitando a diversidade, especificidades e necessidades do seu alunado.

Fica evidente que a formação inicial não dá suporte para o professor ingressar em turmas de jovens e adultos, tampouco no ensino profissionalizante. Fica mais complicado quando o professor se depara no início da carreira com os cursos oferecidos no Proeja. A iniciação por si só já assusta, pois esse é o momento que deixamos de ser alunos e passamos a condição de professor, isso aliado a falta de conteúdo sobre a EJA, e muito menos da educação profissional, trazem aos iniciantes momentos de angústias e conflito.

Segundo Guimarães e Rocha:

Proporcionar conhecimentos acerca das políticas públicas para a educação de jovens e adultos (EJA) e Educação Profissional, especificamente o Programa de Educação Básica na modalidade de Educação Profissional com a Modalidade de Educação de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA) é necessário por se tratar de uma realidade ainda muito nova no contexto educacional vigente, que traz em sua essência muitas especificidades que precisam ser tratadas cuidadosamente. (GUIMARÃES E ROCHA, 2013, p. 89).

Por isso a necessidade de uma formação inicial com mais conteúdos voltados a essa modalidade bem como ampliar a formação continuada. E esse “proporcionar” pode, sim, ser proporcionado pelas universidades por meio de cursos de capacitação e especialização.

Capítulo 3- Os institutos Federais de Ciência, Cultura e Tecnologia .

Em 29 de dezembro de 2008, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva sancionou a Lei nº 11.892/08, que criou 38 Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFs), publicada no Diário Oficial da União de 30 de dezembro do mesmo ano. A mencionada lei instituiu a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica no âmbito do sistema federal de ensino, vinculada ao Ministério da Educação e constituída pelas seguintes instituições: Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia – Institutos Federais; Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR; Centros Federais de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca – CEFET-RJ e de Minas Gerais – CEFET-MG; Escolas Técnicas vinculadas às Universidades Federais (Lei 11.892/08, art. 1º).

Os Institutos Federais estão presentes em todo o território nacional, totalizando 38 Institutos, sendo que cada um possuem diversos campi. Os IFs foram criados pela transformação de antigas instituições profissionais sendo assim instituições que apresentam estruturas diferenciadas, isso não acontece com as outras instituições da nova rede, exceto com a Universidade Tecnológica, que decidiram por não integrar a um Instituto Federal e se continuaram com a estrutura administrativa que as caracterizavam.

Em 25 de outubro de 2007, pela lei nº 11.634 foi criada a Escola Técnica Federal de Brasília, inicialmente era chamada de unidade Agrotécnicas de Ensino de Planaltina, tinha o projeto de construção de mais quatro unidades, em Brasília, Taguatinga, Samambaia e Gama, sendo o CETEC-GO o responsável pela implantação da Escola Técnica Federal de Brasília e sua gestão.

Existe uma equivalência dos Institutos Federais de Educação com as Universidades Federais brasileiras, até no diz respeito ao quadro docente. A carreira do professor dos Institutos Federais é de “BTT”, ou seja, de ensino básico, técnico e tecnologia, diferentemente dos professores das Universidades, mas existe esta equivalência, pois os Institutos também trabalham com o incentivo à capacitação, com o tripé “Ensino, Pesquisa e Extensão”, possuem uma grade horária equilibrada.

Diferentemente da maioria das instituições de ensino, o foco do IFB não está na preparação dos alunos para o ingresso no ensino superior (no caso do ensino integrado), mas seu foco está na formação do cidadão numa perspectiva humana, conforme as exigências dos Parâmetros Curriculares Nacionais, apresentando aos indivíduos os conteúdos básicos do ensino médio atrelados ao mundo do trabalho, formando, desta forma, um cidadão preparado para atuar no mundo do trabalho na área em que ele se formou.

O Instituto Federal procura formar pessoas capazes de, logo após a conclusão do ensino integrado, saírem do instituto aptas a serem inseridas no mercado de trabalho ou a se aprofundarem numa vida acadêmica em um curso superior dentro ou fora do Instituto, uma vez que este também oferece cursos de graduação e até de mestrado doutorado, verticalizando, desta forma o ensino, sendo possível cursar ensino médio, técnico, superior e pós-graduação no próprio Instituto. O IFB possui, ainda, convênios com empresas e instituições para a realização de estágios.

Conhecendo o campus Samambaia

Essa pesquisa tem por finalidade analisar os desafios, as dificuldades e as descobertas de professores que iniciam a carreira na educação profissional em cursos de Proeja, no Instituto Federal de Brasília. Em Brasília, o Instituto tem um total de dez campi, sendo eles o campus de Brasília, Ceilândia, Gama, São Sebastião, Planaltina, Riacho Fundo, Estrutural, Taguatinga, Taguatinga centro e Samambaia. O campus do Recanto das Emas está em construção e tem a previsão de que nesse campus seja oferecido o ensino à distância. E temos como sujeito e campo de pesquisa professores do IFB-campus Samambaia.

Após entrarmos em contato com todos os campi, verificamos que o IFB-campus Samambaia, se encaixava nas perspectivas da nossa pesquisa sendo que nem todos oferecem cursos de Proeja, como é o caso dos campus Brasília, Ceilândia, Planaltina, Estrutural, Riacho fundo e Taguatinga centro. Os outros apesar de ter o curso de Proeja, não conseguimos professores que

correspondiam ao perfil da pesquisa, portanto, escolhemos o campus Samambaia por ter corresponder aos requisitos da pesquisa. Delimitamos para nossa pesquisa como perfil o professor que tivesse, no máximo, até 5 anos de docência e iniciante no Proeja. Como o campus Samambaia oferece o curso de Proeja e tem entre seus docentes professores que se encaixam no perfil, escolhemos esse campus para a realização das entrevistas.

O IFB-campus Samambaia, é localizado no sub-centro Leste, Complexo Boca da Mata, Lote 01. O campus foi criado por meio da Lei n.º 11.892, em 2008. É oferecido nesse campus formação nas áreas de Construção Civil, Meio Ambiente e Produção Moveleira, cursos Técnicos, Formação Inicial e Continuada (FIC) (cursos profissionalizantes de curta duração), cursos de idiomas, projetos de extensão, Programa Certific - para a certificação de saberes. O curso técnico em reciclagem - Proeja, foi o primeiro curso oferecido pelo campus Samambaia. O curso iniciou no 2º semestre de 2012, foi oferecido no período noturno com duração de 3 anos. Inicialmente foram oferecidas 40 vagas, destinadas aos alunos que já haviam cursado o ensino fundamental em escola pública e também para os quilombolas, indígenas, negros e portadores de necessidades especiais.

De acordo com o Projeto Pedagógico Institucional- (PPI) a escolha do curso Proeja-técnico em edificações, em Samambaia foi definida da seguinte forma

A vocação do Campus Samambaia e de sua área de influência foi definida com base em dados socioeconômicos, estratificados por região, fornecidos pela CODEPLAN, bem como por consultas a Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), Federação das Indústrias do Distrito Federal (FIBRA) e sindicatos. As informações obtidas sobre as atividades econômicas mais presentes na região somaram-se à consulta pública realizada no primeiro semestre de 2009, na qual se identificou a demanda da população por cursos nas áreas de meio ambiente, segurança do trabalho, móveis e construção civil. (PPI, 2014, p. 05)

Atualmente neste campus é oferecido o curso de Proeja Técnico em Edificações, que tem duração de 7 Semestres – totalizando 2.575 horas. É

oferecido desde o 2º semestre de 2014. O IFB campus Samambaia até a presente data ofertou somente esses dois cursos do programa Proeja.

Para termos acesso ao IFB- -campus Samambaia, primeiramente fizemos contato por telefone com o coordenador de curso. Segundo, fizemos contato com a coordenadora de ensino. Mantivemos contato por e-mail, em que foi enviado o projeto para que eles tivessem acesso e tomassem conhecimento da nossa proposta de pesquisa, para então liberar a carta de anuência permitindo a visita ao campus.

Tentei por várias vezes contato com o campus, a fim de conhecer quais e quantos professores se encaixavam no perfil, porém sem sucesso até que com a ajuda de uma professora da instituição conseguimos saber quais professores poderiam nos conceder a entrevista. As entrevistas foram previamente agendadas por meio da coordenadora do curso. Inicialmente, seriam apenas dois professores que iriam nos atender, mas no dia que fomos até o campus pudemos contar com a colaboração de mais dois professores.

Os professores que se encaixaram em nossa pesquisa foram quatro, todos do sexo masculino. Essas entrevistas apenas com homens não se deu pelo fato de não ter mulheres lecionando em turmas de Proeja, pois apesar do curso técnico ter um número expressivo do público masculino, no campus Samambaia tem mulheres lecionando nessas turmas de Proeja, porém, nem todas se encaixavam no perfil e algumas na ocasião não tinham horário disponível, Da mesma forma, apesar do curso técnico em sua maioria ter mais alunos do que alunas, no campus Samambaia tem alunas mulheres matriculadas e participando ativamente do curso.

As entrevistas foram gravadas, mediante permissão dos professores, que foram avisados sobre o total anonimato de suas identidades. Todas as entrevistas aconteceram no IFB- Campus Samambaia, onde um dos professores respondeu às perguntas após seu horário de aula e os outros três nos horários que antecediam suas aulas.

As perguntas direcionadas aos professores foram as seguintes: *como surgiu o interesse pelo trabalho docente na Educação Profissional? Como você define o trabalho do professor no Proeja? Quem são os jovens e os adultos do Proeja? Quais elementos da formação inicial contribuem para a sua prática*

profissional no Proeja? Você sente que o professor do Proeja é valorizado? Como? Lecionar em turmas de proeja corresponde as suas expectativas como professor (a)? Quais são os elementos de satisfação em exercer a docência no Proeja? Você teve dificuldades/desafios em iniciar a docência no Proeja? Se teve, quais? Você enfrenta dificuldades/desafios em exercer a docência no Proeja? Cite algumas

Os professores serão tratados por codinomes para garantir o seu anonimato. O primeiro professor será nomeado por M1, o segundo M2, o terceiro M3 e por último M4.

3.1 conhecendo os professores.

O professor M1 tem 25 anos se formou em Letras-Português no ano de 2013. Trabalhou na Secretaria de Educação lecionando em turmas da EJA, e começou a lecionar no Proeja em 2015, mediante aprovação em concurso do IFB. Ele preferiu pegar turmas direcionadas ao Proeja, pois já tinha tido contato com turmas da EJA. Quando lhe foi perguntado como ele definia o trabalho do professor no Proeja, ele chama a atenção para o cuidado que o professor tem que ter com os alunos, levando em consideração o perfil e as especificidades desse público, para então ser possível propor um plano de ensino pertinente. O professor classifica o perfil dos alunos do Proeja como um público mais velho, que trabalha, que tem uma condição financeira desfavorecida, que são marginalizados pela sociedade e estão tentando se restabelecer por meio dos estudos.

Por ter tido experiência com a EJA, o professor M1, relata que não encontrou dificuldade em iniciar sua carreira em turmas de Proeja. No entanto, sente dificuldade em exercer a profissão nessas turmas devido à evasão de grande parte dos alunos. Outra dificuldade apontada pelo docente é a falta de pré-requisitos/conteúdos que os alunos apresentam, dificultando assim, o seguimento do plano de ensino, porque os alunos não conseguem acompanhar o conteúdo. No que diz respeito às contribuições de sua formação inicial para a sua atuação no Proeja, o professor diz que não teve muito embasamento na faculdade, que o seu interesse pela educação de jovens e adultos foi o que o motivou a trabalhar nessa área. Com relação à valorização do professor, o

docente afirma que todo professor é desvalorizado independente da área e a sua satisfação como professor consiste em lecionar para um grupo mais maduro, que o permite debater assuntos mais sérios.

O professor M2 tem 27 anos, é licenciado em computação e leciona há três anos. Inicialmente, o professor não optou pelas turmas de Proeja, fez o concurso do IFB antes de concluir a graduação, foi aprovado e direcionado ao curso, gostou da proposta de lecionar nessas turmas por estar ligada à sua área, que é a técnica. Com relação ao trabalho do professor no Proeja considera ser complexo devido às especificidades dos alunos. Caracteriza os alunos como um público que trabalha e que tem uma situação delicada devida as evasões anteriores e cabe ao professor proporcionar ao aluno o interesse pela continuidade no curso.

Com relação sua a formação inicial, ele acredita que o auxiliou, mas o que deu base para o seu trabalho no IFB, foram os cursos de capacitação oferecidos pela instituição. Acredita que a valorização do professor se dá mais por parte dos alunos do que pelos pares.

Para o professor M2 lecionar em turmas de Proeja é satisfatório por poder fazer a diferença na vida das outras pessoas. A maior dificuldade em iniciar a carreira no Proeja foi de se adaptar ao ritmo dos alunos e hoje tem menos dificuldade em exercer a docência no Proeja, e acredita que sempre terá dificuldades e sanando essas aparecerão outras, porque a docência nunca está completa. Outra dificuldade é com relação horário de chegada dos alunos, desenvolvimento de atividades fora da sala de aula e com a falta de compreensão da linguagem técnica por parte dos alunos. O professor diz que apesar de todas as dificuldades não pretende deixar de lecionar no Proeja.

O professor M3 tem 34 anos, é engenheiro eletricista, se formou em 2006 e começou a lecionar em escola técnica em 2014. Está no IFB há um ano e meio atuando em turmas de Proeja. O professor M3 não pensava em lecionar no Proeja, mas sempre gostou da área técnica e de ensinar, e aproveitou a oportunidade de ingressar no IFB e fazer o que gostava. Para ele o professor do Proeja tem duas vertentes, tem que passar o conteúdo e ao mesmo tempo ter o lado emocional de mostrar ao aluno o sentido do que ele está fazendo. Caracteriza o perfil do aluno como homogêneo, porém com mais homens na

turma por ser um curso de edificações, são jovens de 20 a 30 e valorizam mais a parte da EJA, do que a parte técnica do curso.

Com relação aos elementos da sua formação inicial que contribuem para sua prática no Proeja, o professor considera que foram poucos, que muito do que ele aprendeu foi mais uma questão de personalidade, por gostar de ensinar, do que por formação. Quanto à valorização do professor, M3 considera que a evasão é um problema sério dos alunos, mas que reflete no professor, porque se contabiliza salas cheias e o professor fica tentando melhorar metodologias para poucos alunos, causa assim a desvalorização do profissional. Ao ser perguntado se lecionar em turmas de Proeja satisfaz as suas expectativas como professor, ele afirma rapidamente que sim, que adora o que faz e gosta do desafio e que a satisfação está em perceber que conseguiu prender o aluno, fazer com ele se envolva de fato com o projeto que está sendo proposto.

Quando perguntado sobre desafios em iniciar e exercer a docência no Proeja, o professor M3 afirma que a base do aluno e a heterogeneidade forma fatores que dificultaram sua inserção no Proeja, porém dificuldade em exercer ele não tem, mas a evasão e as faltas constantes dos alunos acabam sendo um fator de dificuldade.

O professor M4 tem 32 anos, é formado em História, fez mestrado em 2009, e em outubro faz cinco anos de docência no Proeja. O interesse em lecionar no Proeja, surgiu pela possibilidade de trabalhar em várias modalidades. Considera o trabalho do professor do Proeja um desafio, tanto no intuito de fortalecer a autoestima dos alunos, de autoconhecimento, de novas metodologias e novas perspectivas no curso. Na definição do perfil dos alunos do Proeja, ele responde que são trabalhadores, são negros, são pobres, e viram no IF alguma possibilidade de ascensão social, porém, devido a uma má formação, enfrentam dificuldades com os conhecimentos básicos.

Os elementos da formação inicial que o auxiliam na prática como docente é segundo ele ter compreensão do mundo por meio de uma perspectiva crítica, de entender o mundo de uma forma a não apenas reproduzir o *status quo*, de fazer questionar e levar o aluno a se questionar sobre o seu processo histórico.

O professor M4 sente que no IFB, os professores são valorizados, e que considera que é igual dar aula (ou lecionar) para qualquer outra instância, mas que talvez haja preconceito por professores, que tem uma visão elitista e com pouca sensibilidade para com as questões sociais e com as necessidades do Proeja. O professor afirma que apesar de lecionar em turmas de Proeja corresponder as suas expectativas como professor, ele critica o modelo do curso e sugere que necessitaria de mudanças para deixar mais atraentes aos alunos.

Os desafios de iniciar a carreira no Proeja citado pelo professor foi a questão da defasagem, mas quando se trata de exercer a dificuldade se remete ao currículo, a apatia, o desânimo, o cansaço dos alunos que acaba fazendo com que o professor venha a se esforçar mais para chamar a atenção ao desenvolvimento da aula. O professor M4 pretende continuar como professor do Proeja, pois se identificou muito com a área, ele acredita que “a educação quando não transforma não tem utilidade, ela precisa transformar a sociedade e ela precisa ter um viés de potencializar o oprimido, nunca o opressor, já dizia Paulo Freire”.

Após a apresentação dos professores entrevistados e um resumo de suas experiências, a seguir iremos dialogar com esses professores conhecermos seus desafios, dificuldades e descobertas no início de carreira no IFB-campus Samambaia.

3.2 - Início da carreira. Desafios, dificuldades e descobertas

O início da carreira é algo empolgante e de expectativa por parte dos professores. Vamos dialogar com os professores com o objetivo de saber sobre suas experiências nesse início de carreira. No intuito de atingir nosso objetivo, iremos primeiramente destacar como surgiu o interesse pelo trabalho docente na educação profissional, para cada um dos entrevistados.

O professor M1 diz que optou pelo Proeja por ter lecionado em turmas de adultos. Pela verticalização do ensino que possibilita a atuação do professor em diferentes níveis de escolarização, os professores de qualquer campus do IFB podem ter que dar aula (ou ensinar/lecionar) em turmas de Proeja,

contudo, tendo esse curso um formato de programa e pela recente implantação do IFB no Distrito Federal, os professores poderiam optar por não dar aula no Proeja, porém o professor em questão fez essa escolha devido às experiências vividas anteriormente e por ter sido aprovado em concurso. Como sempre gostou da educação de jovens e adultos, quis comparar a EJA e o Proeja

Depois que eu entrei aqui, na distribuição de turmas eu vi que tinha a proposta do Proeja, e eu fiz questão de pegar essas turmas de Proeja. Porque na secretaria de educação eu sempre dei aula a noite para a EJA, e aqui eu quis pegar essas turmas para conhecer essa realidade, para ver se o Proeja daqui é diferente do modo de lá, até porque eu gosto de trabalhar com educação de jovens e adultos. (P M 1)

O início da carreira é segundo Lima (2006), um momento importante e difícil ao mesmo tempo para a constituição da carreira do professor, é um momento em que ocorre as principais marcas da identidade e do estilo que vai caracterizar o profissional/professor no decorrer de sua carreira.

Quanto ao surgimento do interesse em trabalhar na educação profissional o professor M2 diz que ocorreu por ter sido aprovado em concurso e optou por ser técnico em informática e se identificar com a área técnica. O início da carreira para ele não foi muito confortável, devido na sua formação inicial não ter tido nenhum embasamento sobre o Proeja, ele sentiu dificuldades e foi auxiliado por curso de capacitação oferecido pela instituição.

O professor M3 diz a escolha pela carreira no Proeja foi “meio por um acaso” que o interesse veio devido a um trabalho anterior, onde ele tinha que treinar o pessoal da empresa para manusear equipamentos, assim como o M1, esse professor também se apoiou em suas experiências anteriores para a inserção na carreira no Proeja. E o professor M4 teve interesse pela possibilidade de conhecer novas modalidades, de acordo com ele:

Eu acho que a possibilidade de trabalhar na educação profissional, leiam-se, entende-se o instituto federal foi por mais um entendimento de poder trabalhar em várias modalidades, não só na educação profissional, como no ensino médio integrado ao ensino superior e também o Proeja. Isso me agrada. (P M 4)

Podemos perceber que o único professor que já havia lecionado para turmas de adultos foi o M1, porém não na área técnica, o M2 e M3 tinham experiência na área técnica, porém não lecionaram em turmas para adultos, o M4 não lecionou em turmas de adultos nem tinha conhecimento da área técnica. Os professores não tinham experiência com turmas de Proeja e a escolha se deu por oportunidades e conveniências.

Segundo Mariano (2005), quando deixamos o estado de estudantes e ingressamos nas oficinas de formação de atores, é nesse momento que começamos a transição de alunos para professores. E para alguns esses momentos são bem delicados, podemos dizer que seria a sobrevivência referenciada por Huberman (1995), e pode ser fundamental para a permanência do professor iniciante e/ou ingressante.

Para entender um pouco mais sobre esse processo de iniciação vivido pelos professores, perguntamos a eles como definem o trabalho do professor no Proeja e quem são os jovens e adultos do Proeja. É nesse momento de iniciação que os professores se deparam com a realidade do ambiente que irão lecionar e conhecem de perto os sujeitos que pertencem a esse ambiente, vivendo assim a fase da descoberta e da sobrevivência.

Para definir o trabalho do professor no Proeja, os professores julgam necessário que o professor tem que perceber as especificidades dos alunos, ser atento com as necessidades e com o contexto de vida de cada um. Consideram um trabalho complexo e delicado devido à grande maioria dos alunos já terem histórico de evasão, tornando-os assim responsáveis pela permanência desses alunos nos cursos.

Acham pertinente também, ao trabalho do professor no Proeja, a importância de trabalhar o lado emocional do aluno, mostrando a eles a importância da educação, dos projetos que eles são capazes de realizar e desenvolver, do curso para suas vidas e levantar a autoestima dos alunos.

Quanto ao perfil dos alunos, as respostas dos professores foram unânimes ao apontá-los como pessoas que são trabalhadoras, que evadiram da escola, que tem dificuldades financeiras, que são responsáveis, de alguma forma, por

seus lares e/ou famílias e que retornam aos estudos procurando por ascensão financeira e social, porém enfrentam bastantes dificuldades em concluir o curso, resultando, novamente, na evasão de grande parte destes alunos.

É interessante perceber que esses professores se preocupam com a situação do aluno no curso, eles resumem o trabalho do professor ao bem-estar e aprendizagem do discente. Todos mostraram que apesar do Proeja ser considerado por muitos como um programa voltado aos marginalizados, eles primam pelo sucesso dos estudantes. De acordo com Freire (2002), o educador deve levar em conta a realidade do aluno, o seu histórico de vida, para então ser possível elaborar métodos de aulas compatíveis com a real necessidade do aluno

Para ser um ato de conhecimento o processo de alfabetização de adultos demanda, entre educadores e educandos, uma relação de autêntico diálogo. Aquela em que os sujeitos do ato de conhecer (educador-educando; educando-educador) se encontram mediatizados pelo objeto a ser conhecido. Nesta perspectiva, portanto, os alfabetizados assumem, desde o começo mesmo da ação, o papel de sujeitos criadores. (FREIRE, 2002, p. 58).

Os alunos ao chegarem à sala de aula vêm com toda uma bagagem cultural, cada um com suas histórias e cabe ao professor respeitar essas peculiaridades, segundo Freire (1998), é por meio da relação que o professor mantém com o seu alunado que faz dele o professor que é. Ou seja, não existe o professor sem o aluno. Podemos perceber pelas falas dos professores que eles procuram entender a necessidade dos alunos do curso Proeja.

Os professores falaram como surgiu o interesse pela carreira docente, sobre o seu trabalho como professor e quem são os jovens e adultos para quem lecionam. Para continuar nosso diálogo, em busca do nosso objetivo, perguntamos aos professores sobre a os elementos da formação inicial que contribuíram para a prática profissional no Proeja e sobre a valorização do professor que leciona no Proeja.

Segundo Mariano (2005, p. 17) “ todo começo é difícil! Nem sempre sabemos o que nos espera no caminho que começamos a percorrer...” e ainda completa que o início da carreira docente, embora para os que ainda não

iniciaram pareça ser simples, ela não é, esse pensamento de ser simples se dá pelo fato de ficarmos por anos na escola como alunos, o que nos leva a pensar que somos conhecedores da profissão na qual iremos ingressar.

Para os professores, a formação inicial não contribuiu significativamente para a prática deles como professores no Proeja. O professor M1 diz que o que aprendeu sobre a EJA, foi por iniciativa própria que não teve nenhuma disciplina voltada para o assunto

Durante a graduação estudei pouco sobre trabalhar com a educação de jovens e adultos. Até mesmo nas disciplinas que fiz na faculdade de educação não foi muito tratado essa modalidade de educação, mas eu sempre me interessei tanto que quando tinha aquelas atividades práticas de ir as escolas de fazer entrevistas de fazer estágios e eu sempre preferia ir para EJA, mas era uma escolha minha e não fez parte da imposição do professor e do conteúdo, por exemplo. (P M1).

Carvalho e Souza (2014) trazem uma discussão sobre os currículos das universidades voltados para a educação profissional, as autoras mencionam um texto de Oliveira Jr. (2008), em que ele fala sobre a aproximação da universidade e das escolas técnicas

A aproximação da universidade com a escola técnica, buscando compreender sua função, entender sua dinâmica e, a partir deste conhecimento, ajudar a melhorar seu desempenho, a começar pela formação de seus professores, ensejará aos acadêmicos olhar para a complexidade e para a riqueza dos processos pedagógicos desenvolvidos nas escolas profissionais. (OLIVEIRA JR., 2008, p. 11).

O professor M2 disse que durante a graduação os planos de aula e didática o auxiliou, porém sentiu falta de um componente específico para o Proeja, ele veio a ter uma visão mais clara do que é o programa do Proeja depois de fazer um curso de capacitação oferecido pelo IFB. Assim como o professor M1 o professor M3 também afirmam que na universidade pouco aprendeu sobre a educação profissional

[...] na universidade a gente não é treinada para dar aula e muito menos para dar aula para o técnico com esse perfil,

então assim muito do que eu aprendi veio de personalidade...
(P M3).

Para o professor M4 a sua formação inicial rendeu contribuições à sua prática como docente no sentido de possibilitar a ele uma “Compreensão do mundo por meio de uma perspectiva crítica, de entender o mundo de uma forma a não apenas reproduzir o *status quo*, de fazer questionar”, sendo ele professor de história esses elementos são fundamentais para aguçar no aluno a vontade de se conhecer como sujeito, a refletir, a questionar e entender o que o curso significa para o seu aperfeiçoamento profissional.

Quanto à valorização do professor do Proeja, os professores acreditam que pelo desconhecimento do que seja de fato o Proeja possa vir a ter um certo desmerecimento dos professores que lecionam no Proeja. Segundo eles, pelos alunos se sentem valorizados sim, mas pelos pares não. O M1 acredita que todo professor é desvalorizado independente da modalidade. O M2 diz ser valorizado pelos alunos, porém nem tanto pelos pares. O M3 diz que pela estrutura das turmas os outros professores podem vir a pensar que é um trabalho que desqualifica o trabalho do professor e o M4 diz que no IFB os professores são valorizados, porém tem aqueles professores que tem uma visão muito elitista, deformada e conteúdista, sendo pouco sensíveis com as questões sociais não compreendendo a importância e a necessidade do Proeja.

Para chegarmos a nosso objetivo perguntamos aos professores: Lecionar em turmas de proeja corresponde as suas expectativas como professor (a)? Quais são os elementos de satisfação em exercer a docência no Proeja?

Sendo os professores iniciantes na carreira e lecionando em turmas de Proeja, é importante evidenciar como eles estão se percebendo como professor e se estão de alguma forma satisfeitos com o trabalho que estão desenvolvendo. Esse aspecto é relevante, pois segundo Silva (2005, p.33), “o professor é um indivíduo que constrói na sua vida e na sua formação a sua própria visão de mundo”, e ainda esse mesmo professor que um dia foi aluno, desenvolveu ideias e valores próprios sobre a escola, o ensino e sobre como ser professor e o processo de ensinar.

O Professor M1 apesar das dificuldades com a parte cognitiva da turma e a adaptação do currículo, que ele acaba tendo que fazer para atender as diversas necessidades dos alunos, ele sente-se realizado com a docência e tem por elemento de satisfação o fato de trabalhar com uma turma mais madura podendo assim desenvolver debates mais proveitosos e acredita que a experiência de vida que eles têm é importante para a formação do senso crítico dos alunos.

O professor M2 afirma que lecionar no Proeja corresponde as suas expectativas como professor, porque por meio dos conhecimentos por ele adquiridos é capaz de contribuir positivamente com outras pessoas que não tiveram a mesma oportunidade. A satisfação consiste em perceber que de alguma forma pode fazer a diferença na vida de alguém.

O professor M3 diz que apesar de ser um desafio, lecionar em turmas de Proeja satisfaz as expectativas de ser professor, por ter que estar sempre revisando o que está fazendo e com isso aprende sempre, é um desafio válido e gratificante e os elementos de satisfação consiste em “fisgar” o aluno, ou seja, conseguir mostrar ao aluno a importância do que faz e desenvolve, quando ver os alunos orgulhosos e satisfeito com o seu desempenho acadêmico é bem satisfatório.

Por último o professor M4 apesar de fazer críticas ao modelo de currículo direcionado para o Proeja. lecionar nesse curso correspondem sim as suas expectativas de ser professor. Ele aponta como elemento de satisfação os questionamentos que os alunos antes não faziam e agora fazem sobre sua condição social.

As duas últimas perguntas são referentes aos desafios e dificuldades enfrentadas por esses docentes em iniciar e exercer a docência em turmas de Proeja. No início da carreira ocorre o choque do real, de acordo com Huberman (1995), com o choque do real é que ocorre a confrontação com a complexidade do trabalho profissional.

Vemos com a resposta dos professores que eles passaram por esse choque. O professor M1 afirma que não sentiu dificuldades em iniciar ou exercer a profissão por experiências anteriores, porém, a defasagem dos

alunos pode ter gerado certo desconforto para ele como professor, essa afirmação fica evidente na sua fala.

A gente tem dificuldade em manter os alunos, o curso começou em fevereiro nas primeiras dez semanas, a cada aula eu ministrava para um grupo diferente. Tinha 54 alunos matriculados na turma e a cada dia, cada aula aparecia alunos diferentes que eu perguntava “você estava aqui semana passada? Cadê você, você sumiu”. Agora que a gente conseguiu formar desses 54 um grupo que sempre vem, dos 54 só 13 vem agora. A gente teve aí uma evasão, um abandono de mais de 50% da turma, então a dificuldade no início é de você saber que grupo é esse, por que sempre falta, desaparece e volta, é diferente do ensino médio que sempre vê os mesmos alunos e no Proeja a gente não tem isso. De repente o aluno some aí a gente pensa “deve estar doente, deve ter tido problema”, mas o aluno não volta nunca mais, isso acontece. (P M1).

Cada um dos professores tem suas particularidades com relação aos desafios e dificuldades enfrentados tanto no início quanto no exercício da docência. O professor M2 diz que “caiu de paraquedas” e que ao iniciar a carreira no Proeja, sentiu dificuldades com diversos aspectos relacionados aos alunos, um dos mais relevantes para ele foi se adaptar com o ritmo dos alunos e o segundo foi com o uso da linguagem técnica em suas aulas, mesmo após três anos lecionando nessas turmas, ele ainda está se adaptando com esse fator.

O M3 tem que se adaptar com relação a base do aluno “você faz uma divisão às vezes tem três, quatro, cinco, metade da turma não sabe o que é aquilo, a outra metade está muito além daquilo, então como é que você equilibra isso? ”e assim ele vai se adaptando e, às vezes, até improvisando para melhor aproveitamento e aprendizagem por parte dos alunos.

Na comparação que Mariano (2006) faz da iniciação docente com um espetáculo ele diz que o espetáculo da vida nas escolas é diário

Nos professores iniciantes na carreira, iremos vivenciar situações inusitadas a cada dia. Serão estas situações e a maneira que lidamos com elas que ajudarão a formar nossa identidade profissional. Continuaremos em processo constante e contínuo de formação. Aprenderemos a construir o nosso eu

profissional com a ajuda de nossos pares, da equipe de direção, dos pais de nossos alunos e de nossos alunos também. (MARIANO, 2006, p.25)

O professor M4 apresenta como desafio e dificuldades a defasagem, a apatia, cansaço, apatia dos alunos e um currículo inapropriado, ele acredita que deve ter uma modificação do modelo do currículo direcionado a esse público.

Os principais desafios citados pelos professores foram: lidar com a defasagem, percepção das especificidades dos alunos, elevar autoestima dos alunos, orientar a criticidade da sua história, tornar as aulas mais atrativas, trabalhar o lado emocional do aluno mostrando a ele a importância de se reconhecer sujeito da sua formação.

E como dificuldades foram citadas a evasão dos alunos, adaptação ao ritmo da turma, horário de chegada e saída, a apatia, adaptação do currículo, o cansaço e desânimo dos alunos, falta de conhecimento específico sobre o Proeja na formação inicial. Os professores relataram que com o passar do tempo essas dificuldades foram diminuindo, mas ainda existem, porém eles sabem lidar com isso, contudo permanece como uma problemática a ser resolvida.

	Desafios
M1	Perceber as especificidades dos alunos do Proeja, para então propor um plano de ensino adequado. Sempre adaptar os conteúdos para atender as dificuldades dos alunos. Proporcionar aos alunos um ensino que os permita se desenvolver na escrita e na leitura.
M2	Não permitir que os alunos percam a vontade de continuar no curso. Está sempre atento as necessidades dos alunos e tentar se adaptar ao ritmo deles.

M3	Mostrar ao aluno o valor do que ele desenvolve. Considera o trabalho do professor um desafio por esta sempre fazendo algo e vendo se está bom, refazer e aplicar de novo. (Aprimorando). Se adaptar as questões de base do aluno. Lidar com a heterogeneidade dos alunos.
M4	Fortalecer a autoestima dos alunos e o autoconhecimento, de novas metodologias e perspectivas do curso. Tentar motivar os alunos a pensarem no histórico, enquanto cidadão e perceber a relevância do curso.

	Dificuldades
M1	Não considera ter tido muitas por já conhecer a EJA. Mas, sente dificuldade em manter o aluno no curso. Evasão.
M2	Falta do conhecimento da parte específica do Proeja na formação inicial. Dificuldade em adaptar a turma, horário de chegada dos alunos, exercícios que não são feitos fora da sala de aula, o uso da linguagem técnica na sala (falta compreensão por parte dos alunos)
M3	Adaptar o conteúdo para atender a heterogeneidade da turma, ausência dos alunos em sala de aula.
M4	Defasagem dos alunos. O currículo não é apropriado. A apatia, o cansaço e desânimo dos alunos.

Fonte: Entrevista/ 2016- elaboração própria.

Considerações finais

A pesquisa realizada teve como objetivo identificar os desafios, dificuldades e descobertas dos professores que iniciam a carreira na educação profissional em cursos de Proeja no Instituto Federal de Brasília (IFB) campus Samambaia.

Na intenção de logarmos êxito em nossa pesquisa realizamos revisão bibliográfica, tendo esta como referencial os periódicos de Qualis A e B e utilizamos entrevistas semiestruturadas com professores que atendiam ao perfil estabelecido, para então a partir das análises dos dados entendermos como se deu a escolha pelo trabalho docente na educação profissional.

Apear de encontramos diversos artigos publicados que tratavam sobre o professor atuante na educação profissional, poucos artigos tratavam sobre o Proeja, porém quanto ao professor que inicia a sua carreira profissional diretamente em turmas de Proeja não identificamos nenhum artigo.

Com relação aos achados nos artigos podemos notar que o assunto EJA/Proeja ainda é algo desconhecido dos professores e traz resistência a sua adesão, até mesmo daqueles que atuam com esse público. Percebemos que os artigos estão voltados para o aspecto político, dos sujeitos envolvidos no Proeja, da aceitação ou não do curso, da formação inicial, da implantação do Proeja, do professor da EPT e outros assuntos, porém, não se fala sobre quem é o sujeito que sai da universidade, que se forma professor e já vai lecionar nessa área.

Entendemos que o tema sobre Educação Profissional tem sido palco de debates e discussões em palestras, simpósios, grupos de pesquisas, mas ainda não é suficiente para abranger todos os aspectos que deveriam ser discutidos e que podem vim a ser de grande importância para estudos futuros.

Com relação aos achados das entrevistas, percebemos que cada professor tem sua visão e pensamento sobre as questões que envolvem esse início na carreira. Foi possível perceber pelas falas dos professores que eles enfrentaram dificuldades no início da docência de diversas ordens, que vão desde uma formação inicial inadequada e sem conteúdo específico até a relação professor-aluno.

Os principais desafios apresentados pelos professores foram a percepção das especificidades dos alunos para proporcionar um plano de ensino adequado, adaptação dos conteúdos para atender as dificuldades dos alunos; proporcionar aos alunos um ensino que os permita se desenvolver na escrita e na leitura, motivar os alunos a permanecerem no curso, lidar com a heterogeneidade.

Como dificuldades foram relacionados aspectos como a evasão; apatia; cansaço e desânimo do aluno; falta do conhecimento específico do Proeja na formação inicial; currículo não apropriados e como descobertas a oportunidade de experimentar metodologias que consideraram como eficientes.

Os professores atribuem à dificuldade e aos desafios que enfrentam no início da carreira quase sempre ao perfil do aluno. Relatam que não é fácil trabalhar com esse público devido suas especificidades. No entanto, consideramos que essa dificuldade não está totalmente ligada aos alunos e suas dificuldades, mas à formação que esses professores tiveram durante a sua formação inicial, por exemplo.

As universidades não abrangem assuntos relacionados à educação profissional em seus currículos, e podemos perceber que isso tem se tornado um problema a longo prazo, pois deixa uma lacuna na formação pedagógica. Pelos achados dos artigos e das entrevistas notamos a necessidade de disciplinas que estejam voltadas para a educação profissional, visto que essa área tem se expandido e cada vez mais alunos formados em diversas áreas tem ingressado a carreira nessas modalidades.

Autores como Carvalho e Souza (2014), Gouveia (2011) e Bonfim (2011) concordam que as universidades não oferecem em seus currículos disciplinas que auxiliem os futuros docentes em sua prática na educação profissional.

Outro aspecto importante em nosso trabalho é sobre a formação inicial, que pode ser vista como o primeiro passo dado pelo professor para sua carreira, mas não o único e muito menos o último. Pois, como vimos com Silva (2011), a formação inicial não garante por si só a qualidade do trabalho profissional sendo um processo contínuo.

Os professores em início de carreira podem e devem se aperfeiçoar. Sendo assim a formação continuada essencial para que esse docente se

envolva cada vez mais com o seu campo de atuação. Essa formação continuada pode ser oferecida pela instituição, mas cabe ao profissional querer se aperfeiçoar na sua área de docência, pensamos ser necessário que o professor conheça a dimensão do seu trabalho e quem são os sujeitos que participa junto com ele do seu desenvolvimento.

Os professores do Proeja encontram muitas dificuldades em exercer o trabalho docente por não ter tido esse conteúdo em sua formação inicial. No entanto, eles podem recorrer aos cursos de especialização do Proeja, para amenizar essa deficiência inicial. Percebemos também com o relato dos professores, a necessidade de uma formação continuada para dá o suporte necessário à docência. A formação continuada é segundo Bonfim:

A formação continuada de professores é entendida [...] como sendo aquela ministrada após a formação inicial em nível de graduação ou de pós-graduação, devendo possibilitar ao docente a atualização e aprofundamento dos seus saberes, e também para sua ascensão na carreira docente. Deve, ainda, atualizar tendências das práticas pedagógicas, dos recursos tecnológicos, do ensino para públicos específicos como, por exemplo, a educação de jovens e adultos. Porém, a formação continuada tem sido colocada como forma de resolver lacunas na formação inicial, vendendo a promessa de promover avanços profissionais. (BONFIM, 2011, p. 71)

Essa pesquisa foi de suma importância, pois, nos possibilitou conhecermos mais quem são os sujeitos que atuam no Proeja, possibilitou um novo olhar sobre o programa do Proeja, assim como voltou nossa atenção para os desafios e dificuldades que enfrentam os professores iniciantes que ingressam sua carreira na educação profissional. Concluímos com isso que seja necessário repensar os currículos das universidades, acrescentando disciplinas que tratem de assuntos referentes à educação profissional, pois segundo os professores, falta informação necessária sobre o EJA e educação profissional nesse currículo.

Nesse contexto vemos a necessidade de formação continuada como aperfeiçoamento para a carreira profissional, em que o professor vai se aprimorar para a prática docente, podendo assim oferecer uma educação de qualidade, de acordo com a realidade do aluno.

Parte III

Ao pensar em perspectivas futuras, retomo o pensamento as perspectivas passadas. Há um tempo meu maior desejo era completar o antigo ensino médio, depois foi entrar para a universidade, e agora não quero mais parar. Penso que essa pesquisa foi só o início de algo que quero continuar, sinto muito interesse pela temática EJA e agora me disponho a ingressar nessa jornada de pesquisa sobre a educação profissional.

Sei que tenho muito a aprender e agradeço por ter começado essa jornada ao lado de pessoas tão comprometidas com o que fazem. Quero seguir com o tema, pois percebi que não há muitas pesquisas sobre o professor que inicia sua carreira no Proeja e com isso, acredito que o empenho em resolver as questões que aparecem na carreira desses professores não tem a devida atenção.

Pretendo com meu trabalho de alguma forma contribuir para esse cenário e espero que futuramente as pesquisas cresçam em quantidade e qualidade. Almejo me preparar e fazer mestrado e futuramente passar no concurso da secretaria de educação, pretendo ser professora e seguir carreira na educação.

Como futura pedagoga sei que poderei sentir na pele o que esses professores sentem hoje, e agradeço por ter tido a oportunidade de ter participado de grupo de pesquisa e de projetos que permitiram conhecer um pouco sobre as especificidades da educação profissional e dos professores da educação profissional.

Referências

ARANHA, A.V.S. **Formação docente para a educação profissional: especificidades da área de saúde**. Trabalho & Educação, Belo Horizonte, v. 17, n. 3, p. 131-148, 2008.

ARROYO, Miguel G. **O Proeja e a inclusão de novos segmentos à rede** - Palestra proferida no Fórum EJA MG/SP. CEFET MG, set/2010. Disponível em: <<https://youtu.be/Xy7au3cVAKk?list=PLE354E64216D92134>>. Acesso em: 03 jun. 2016.

BRASIL. Constituição (1988) **Constituição da República Federativa do Brasil**. 40 ed. São Paulo: Saraiva, 2007.

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio em Debate**. Texto para discussão. Brasília, 2010.

_____. **Documento Base da Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrada ao Ensino Médio**. Brasília: Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica, 2007.

_____. Lei n. 13.005, de 25 de junho 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília (DF), 26 jun. 2014.

_____. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei n°. 9.394/96**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 10 jun. 2016.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Brasília: MEC/SEB, 2013. 546p.

_____. **Programa Nacional de integração da educação profissional com a educação básica na modalidade de educação de jovens e adultos - formação inicial e continuada/ ensino fundamental: documento base**. Brasília: Brasília: Ministério da Educação/ Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica, 2007b. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=6666&Itemid. Acesso em: 03 jun. 2016.

BONFIM, Cristiane Jorge de Lima. **Os desafios da formação continuada de docentes para atuação na educação profissional articulada à educação de jovens e adultos**. 2011. 182f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação- Universidade de Brasília (UnB), Brasília (DF).

CARVALHO, Olgamir Francisco de; SOUZA, Francisco Heitor de Magalhães. **Formação do docente da educação profissional e tecnológica no Brasil: um diálogo com as faculdades de educação e o curso de Pedagogia**. Educ. Soc., Campinas, v. 35, n. 128, p. 883-908, set. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302014000300883&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 14 jun. 2016.

COSTA, Elisabete; ÁLVARES, Sônia Carbonell; BARRETO, Vera. **Trabalhando com a educação de jovens e adultos. Caderno alunas e alunos da EJA.** Brasília: Coordenadoria Geral de Educação de Jovens e Adultos, 2006.

FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade e outros escritos.* 10ª ed. São Paulo. Paz e Terra. 2002.

_____. *Pedagogia do oprimido.* 18. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. 184 p.

GADOTTI, Moacir. **A qualidade na educação: uma nova abordagem.** Florianópolis: COEB, 2013.

GALVÃO, Ana Maria; SOARES, Leôncio José Gomes. História da alfabetização de adultos no Brasil. In: ALBUQUERQUE, Eliana Borges; LEAL, Telma Ferraz (Org.). **A alfabetização de jovens e adultos em uma perspectiva de letramento.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p.27-58.

GARIGLIO, José Ângelo; BURNIER, Suzana Lana. **Os professores da educação profissional: saberes e práticas.** Cad. Pesqui. São Paulo , v. 44, n. 154, p. 934-959, dez. 2014 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742014000400934&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 14 jun. 2015.

GOUVEIA, Karla Reis. **Política educacional no PROEJA:** implicações na prática pedagógica. 2011. 301f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pernambuco, 2011.

HUBERMAN, M. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, A. (Org.). *Vidas de professores.* 2 ed. Portugal: Porto Editora, 1995. cap. II. p. 31-61.

IVO, Andressa Aita; HYPOLITO, Álvaro Moreira. Educação profissional e PROEJA: processos de adesão e resistência à implantação de uma experiência. **Educ. rev. [online].** 2012, vol.28, n.3, pp.125-142.

LIMA, Cantaluze Mércia Ferreira Paiva de. **A identidade docente no ensino técnico:** as marcas do saber-se, do saber tornar-se professor. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Pernambuco. CE, Recife, 2005.

LIMA FILHO, Domingos Leite et al. **Projeto de Pesquisa:** Demandas e Potencialidades do PROEJA no Estado do Paraná. Relatório Anual – Período março 2008 / março 2009. Projeto de Pesquisa nº 9. Edital PROEJA – CAPES/SETEC No. 03/2006. Curitiba: UTFPR/UFPR/UNIOESTE, julho de 2009.

LIMA, E. F. (Org.) *Sobrevivências no início da docência.* Brasília: Liber Livro, 2006.

MACHADO, Maria Margarida. A pesquisa com foco na educação de trabalhadores a partir do Proeja. In MACHADO, Maria Margarida; RODRIGUES, Maria Emília de Castro. **Educação dos trabalhadores:** políticas e projetos em disputa. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2011.

MARIANO, A. L. S. O início da docência e o espetáculo da vida na escola: abrem-se as cortinas... in: Lima, E. F. (Org.). **Sobrevivências no início da docência**. Brasília: Líber Livro Editora, 2006.

NÓVOA, António. Os professores e as Histórias da sua vida. In: NÓVOA, António (org.) **Vidas de professores**. Portugal: Porto Editora, 1992.

OLIVEIRA JR., W. **A formação do professor para a educação profissional de nível médio: tensões e (in)tenções**. 2008. 127f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu* em Educação - Universidade Católica de Santos. 2008.

PASSOS, S. R. M. M. S; Novicki, V. **Formação de professores para a educação profissional: desafios atuais**. Disponível em: <<http://www.anpae.org.br/simposio26/1comunicacoes/SaraRozindaMartinsMoura-ComunicacaoOral-int.pdf>>. Acesso em: 27 mai. 2016.

Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. v. 1, n. 1, (jun. 2008 -). – Brasília: MEC, SETEC, 2008. Anual

SHIROMA, Eneida Oto; LIMA FILHO, Domingos Leite. **Trabalho docente na Educação Profissional e Tecnológica e no PROEJA**. Educ. Soc., Campinas, v. 32, n. 116, p. 725-743, set. 2011 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S01017330201100030007&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 14 jun. 2015.

SILVA, R. de C. da. O professor, seus saberes e suas crenças. In: GUARNIERI, M. R. (Org.). **Aprendendo a ensinar**: Ed. Campinas, SP: Autores Associados; Araraquara, SP: Programa de Pós-graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, 2005. cap. 2, p. 25-43. Acesso em: 27 mai. 2016.

SILVA, E. P.; TACCONI, M. F. S. O ensino de empreendedorismo e a formação integral no PROEJA: uma experiência no IFRN. In: HENRIQUE, A. L. S.; MOURA D. H.; BARRACHO, M. G. **Teoria e prática no PROEJA**: vozes que se completam. Natal (RN): Editora IFRN, 2013.

SOUZA MACHADO, Lucilia Regina de. **O desafio da formação dos professores para a EPT e PROEJA**. Educ. Soc., Campinas, v. 32, n. 116, p. 689-704, set. 2011 disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S01017330201100030005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 14 jun. 2016.

STRELHOW, Thyelles Borcarte. Breve história sobre a educação de jovens e adultos no Brasil. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. 38, p. 49-59, jun. 2010.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

Anexo 1

PROFESSOR M1.**Qual sua idade?**

25 anos.

Qual sua formação?

Letras-Português.

Leciona desde quando?

Me formei em 2013, e em agosto (mesmo ano) comecei a trabalhar na Secretaria de Educação, e em outubro de 2015 entrei no IFB.

Como surgiu o interesse pelo trabalho docente na educação profissional?

Na verdade, eu fiz o concurso para o Instituto Federal e como fui aprovado no concurso tive que assumir essas turmas de educação profissional, porque o foco do instituto é esse de educação profissional, curso técnico.

Mas era sua opção dar aula no Proeja? Ou você nunca tinha pensando?

Depois que eu entrei aqui, na distribuição de turmas eu vi que tinha a proposta do Proeja, e eu fiz questão de pegar essas turmas de proeja. Porque na Secretaria de Educação eu sempre dei aula a noite para a EJA, e aqui eu quis pegar essas turmas para conhecer essa realidade, para ver se o Proeja daqui é

diferente do modo de lá, até porque eu gosto de trabalhar com educação de jovens e adultos.

Como você define o trabalho do professor no Proeja?

Então, o professor do Proeja tem que ter consciência de que os alunos, tem um perfil diferenciado, é diferente do ensino médio, por exemplo, que são alunos jovens que não trabalham, que vivem para estudar, os alunos do Proeja não, a maioria deles trabalham, chegam na sala de aula com uniforme de trabalho, trabalharam o dia inteiro, já estão cansados então não tem a mesma energia que talvez um adolescente do ensino médio tem. Geralmente os alunos do Proeja têm mais dificuldade também com pré-requisitos, eles têm muitas dificuldades em leituras, em escritas. O professor tem que ter consciência de tudo isso, para a partir daí propor um plano de ensino.

Quem são os jovens e os adultos do Proeja?

Público mais velho, que está há muito tempo sem estudar, que trabalham durante o dia. A gente percebe que são pessoas que têm uma condição financeira mais desfavorecida. Ele tem até dificuldade de comprar os materiais que os professores pedem. Por exemplo, o proeja aqui é de edificações e eles precisam comprar os materiais de desenho e esses materiais parecem que custam muito caro para eles, tanto que tem aluno que não tem material até hoje porque não tem condições de comprar, então é uma realidade. Na verdade, eles são marginalizados pela sociedade e estão tentando se inserir, tentando voltar a estudar.

Quais elementos da sua formação inicial contribuí para a sua prática profissional no Proeja?

Durante a graduação estudei pouco sobre trabalhar com a educação de jovens e adultos. Até mesmo nas disciplinas que fiz na faculdade de educação não foi muito tratado essa modalidade de educação, mas eu sempre me interessei tanto que quando tinha aquelas atividades práticas de ir as escolas de fazer entrevistas de fazer estágios e eu sempre preferia ir para EJA, mas era uma escolha minha e não fez parte da imposição do professor e do conteúdo, por exemplo.

Você sente que o professor do Proeja é valorizado? Como?

Eu acho que o professor não é valorizado como um todo independente da modalidade da qual ele atua, mas eu acho que não tem essa diferença não entre professor do Proeja professor do ensino médio pensando bem também tenha essa diferença, porque existe pessoas que acham que dar aula para o Proeja seja mais tranquilo, mas talvez só se fosse por essa questão mesmo, mas de modo geral professor é desvalorizado independente da modalidade

Lecionar em turmas de proeja corresponde as suas expectativas como professor (a)?

Eu acho que atende apesar de que eu tenho que ficar adaptando o meu conteúdo para os alunos de acordo com a dificuldade deles. Porque eu, como um professor de língua portuguesa, espero que meus alunos consigam ler bem e escrever bem e eu sinto que no Proeja isso é mais difícil deles conseguirem, o desafio é maior, exige muito da minha parte e da deles também. Mas, eu acho que com um trabalho em longo prazo se consegue sim não dá para fazer um trabalho em curto prazo e atingir seu objetivo eu acho talvez precisaria de mais tempo

Quais são os elementos de satisfação em exercer a docência no Proeja?

Eu acho que o público é mais maduro pelos estudantes serem mais velhos o professor consegue fazer debates consegue tratar de temas polêmicos com a turma. Os alunos podem não ter o conhecimento científico, mas ele tem uma experiência de mundo muito grande e eles trazem tudo isso para os debates, e isso até ajuda na formação de senso crítico deles a experiência que ele tem que não é escolarizado. Eu acho que a satisfação vem desse público que está mais preparada para lidar com o tema com debates com discussões discutir ideias coisa que talvez o ensino médio não esteja tão maduro assim para fazer isso

Você teve dificuldades/desafios em iniciar a docência no Proeja? Se teve, quais?

Não, não tive dificuldades, eu acho que eu me adaptei bem rápido aqui no IFB porque eu já sabia a realidade que eu iria encontrar por ter atuado na Secretária de Educação, na EJA eu já cheguei aqui com uma imagem uma experiência então eu não me surpreendi com nada eu acho que eu me adaptei bem rápido

Você enfrenta dificuldades/desafios em exercer a docência no Proeja?

Cite algumas.

Não, eu até prefiro, eu acho que no Proeja tem uma coisa muito positiva que você vai conhecendo os alunos os alunos se aproximam de você, cria-se um vínculo, eu acho que se formam até amizades, os alunos dão essa abertura para você e aí fica até mais fácil lidar com os alunos depois disso

E você tem alguma dificuldade dentro do IFB seja com estrutura com material com apoio dos outros colegas coordenação direção ...?

Pode ser algum problema relacionado à turma? A gente tem dificuldade em manter os alunos, o curso começou em fevereiro nas primeiras dez semanas, a cada aula eu ministrava para um grupo diferente. Tinha 54 alunos matriculados na turma e a cada dia, cada aula aparecia alunos diferentes que eu perguntava “você estava aqui semana passada? Cadê você, você sumiu”. Agora que a gente conseguiu formar desses 54 um grupo que sempre vem, dos 54, só 13 vem agora. A gente teve aí uma evasão, um abandono de mais de 50% da turma, então a dificuldade no início é de você saber que grupo é esse, porque sempre falta, desaparece e volta, é diferente do ensino médio que sempre vê os mesmos alunos e no Proeja a gente não tem isso. De repente o aluno some aí a gente pensa “deve estar doente, deve ter tido problema”, mas o aluno não volta nunca mais, isso acontece.

Quando você fala anteriormente de quem são os jovens e alunos do proeja você cita que são trabalhadores e você fala sobre eles terem uma certa dificuldade de aprendizagem. Essa dificuldade de aprendizagem que eles têm é uma problemática para você como professor?

Nós temos casos no Proeja de alunos que são analfabetos funcionais, de alunos que tem muita dificuldade com a escrita, eu não digo analfabetismo, mas a pessoa conhece minimamente de escrever, comete muitos erros de ortografia. Isso atrapalha porque às vezes eu estou querendo caminhar, avançar o conteúdo, mas eu não posso porque se eu avançar a turma fica, a turma não consegue acompanhar e além dessa dificuldade com leitura e escrita falta pré-requisito, falta conteúdo. Então, eu sou professor de português se eu chegar lá e, por exemplo, quiser trabalhar um conteúdo que precisa ter a noção de verbo eu não vou conseguir porque a maior parte da turma não vai saber, porque quase toda a turma não vai saber o que é um verbo, aí primeiro eu tenho que trabalhar o verbo para depois chegar no conteúdo que eu quero.

O currículo para esse público, você acha que é o ideal ou devia ser modificado?

Aqui no Instituto a parte de língua portuguesa a gente trabalha a partir de textos. Eu usei o exemplo de verbo para ficar mais claro, mas trabalhamos a partir de textos, trabalho gênero textual, por exemplo, a “ notícia “ e a partir da notícia a gente trabalha o texto narrativo, dentro do texto narrativo a gente começa a trabalhar a ideia de que para narrar precisa de verbo e começa a trabalhar tudo de uma forma mais contextualizada, e não de uma forma engessada e tradicional como ainda é feito no ensino de língua portuguesa. A gente tem um plano de ensino e a ideia é seguir esse plano de ensino, mas às vezes não dá, a gente tem que fugir um pouco dele. A gente planeja, por exemplo, duas aulas para um determinado assunto, duas aulas não são suficientes, às vezes é preciso de quatro ou seis aulas do mesmo assunto e aí atrasa o conteúdo do plano de ensino. Mas, fazer o que, vai ficar só despejando conteúdo para seguir um plano de ensino que não é um tratado, que não é uma coisa que tem que ser seguida rigorosamente. O ideal é que fosse, mas às vezes o público não responde.

PROFESSOR M2.**Qual sua idade?**

27 anos.

Qual sua formação?

Licenciado em computação.

Leciona a quanto tempo?

3 anos.

Como surgiu o interesse pelo trabalho docente na educação profissional?

Bom, comigo meio que eu caí de paraquedas na instituição, porque antes mesmo de me formar eu fiz concurso, comecei a lecionar no último semestre de faculdade, eu passei no concurso e gostei muito da área que iria lecionar. O concurso do IFB estava aberto, entrei aqui e me interessei mais ainda pela área técnica, por ser algo mais direto, por eu ser técnico em computação, então eu gostei dessa parte por ser mais direta com meu trabalho.

Como você define o trabalho do professor no Proeja?

É um trabalho complexo, porque o público do Proeja tem suas características particulares, que já trabalha. Eles evadiram muitos anos da escola então acho que no proeja o trabalho do professor tem de ser articulado entre as áreas e olhando sempre a veemência do aluno, do que o aluno traz consigo o contexto

deles, porque eles já saíram da escola uma vez por um motivo, então eles retornaram anos depois e não podem evadir de novo pelo mesmo motivo então tem que estar sempre revendo as características do aluno, o que ele traz consigo, porque ele sendo um trabalhador e tendo família geralmente não tem tempo para estudar, tem mulher e filhos. Então, a atuação do professor dentro do Proeja é mais delicada, eu acho mais gratificante porque eles respondem quando trabalha com eles, então tem de ser muito bem planejada para que eles não evadam como evadiu nos anos anteriores.

Quem são os jovens e os adultos do Proeja?

O perfil deles em geral são alunos que trabalham, que evadiram da escola por precisarem trabalhar para ajudar a família, entre estudar ou comer, a maioria escolhe comer e trabalhar para ajudar a família e tiveram interesse de retornar. Esse interesse às vezes é muito delicado e a gente não pode deixar eles perderem essa vontade, muitas vezes ele vem e começam a fazer o curso, inicia com turma cheia e aos poucos vão aparecendo as dificuldades e eles vão desistindo.

Quais elementos da sua formação inicial contribui para a sua prática profissional no Proeja?

Na minha formação inicial, como sou licenciado, todo planejamento de aula, toda didática que eu estudei na área pedagógica auxiliaram, mas eu não tive um componente específico para Proeja, o que eu tive foi que na instituição no IFB, antes de eu entrar no Proeja eles fizeram capacitação com todos os professores aqui, uma grande parte, e a capacitação me deu um olhar mais claro do que é o Proeja, então unindo as duas coisas me ajudaram a entrar nele, mas minha formação só da licenciatura não vi a parte específica do Proeja e suas particularidades e eu senti falta disso, ainda bem que com esse curso conseguimos complementar.

Você sente que o professor do Proeja é valorizado? Como?

Pelos alunos sim. Pelos alunos é muito valorizado, eles realmente estimam, quando conseguem compreender é uma alegria que você ver nos olhos deles, agora por outras áreas que não atuam talvez não muito. São outros olhares. Quem não atua no Proeja, talvez alguns, podem até ver como perca de tempo,

que o público evade. Mas, pelos pares de outros lugares não tanto quanto os alunos em si, percebe-se nitidamente como eles valorizam os professores é mais do que em qualquer outra modalidade que eu já atuei.

Lecionar em turmas de proeja corresponde as suas expectativas como professor (a)?

Sim. O que eu gostei da docência é que eu tenho a possibilidade com o conhecimento que foi adquirido, com o que eu aprendi na UnB, eu possa contribuir para outras que pessoas consigam aprender, pessoas que não tiveram oportunidade de aprender. Quando ele consegue aprender, consegue atingir o conhecimento, a satisfação que ele tem, mesmo que seja mínimo (eu dou aula de informática básica para eles), seja de enviar um e-mail, algo que é simples, eles ficam numa alegria imensa, de conseguir falar com um filho em outro lugar, então essa satisfação de fazer a diferença na vida de um aluno, é isso que me prende na docência, isso que me chama atenção e foi o que fiquei apaixonado na docência.

Quais são os elementos de satisfação em exercer a docência no Proeja?

Acho que acabei respondendo na outra pergunta.

Você teve dificuldades/desafios em iniciar a docência no Proeja? Se teve, quais?

Sim. Quando entrei no IFB comecei a dar aula para curso técnicos subsequentes, que já é ensino de ensino médio. Apesar de ter uns alunos que tem mais conhecimentos do que outros na área de informática, no Proeja eu tive mais dificuldade em adaptar o ritmo, o ritmo deles é mais tranquilo, isso foi no primeiro semestre. A primeira vez que eu entrei na turma para adaptar esse limite..., mas, depois que eu tive essa experiência e sempre pego o *feedback* deles, eu mudei quase que totalmente meu planejamento e agora eu consigo ir um pouco mais devagar, trabalhar com eles, está fluindo.

**Você enfrenta dificuldades/desafios em exercer a docência no Proeja?
Cite algumas.**

Tenho menos dificuldade, eu acho que a partir do momento que eu não tenho dificuldade em exercer eu acho que está errado alguma coisa e se eu não tenho mais dificuldade meu trabalho está completo, mas na docência ele jamais vai está completo. Tenho dificuldades ainda, passando algumas dificuldades eu consigo suprir, aparece outras e sempre fazendo assim vai evoluindo meu trabalho. Só que as dificuldades iniciais que eu tive de compreender não tenho mais.

Você pode especificar algumas dificuldades que enfrenta?

Horário de chegada deles, porque são trabalhadores que trabalham lá no Plano, saem seis e meia e chegam aqui sete e meia, no mínimo. Questões de exercícios para fazer fora de sala de aula, eles não fazem, não porque não querem, realmente não têm tempo, trabalham o dia todo, têm filhos, têm família para cuidar, não tem tempo e então tenho que me adaptar a todas essas questões para ser trabalhada em sala de aula, aquele tempo que tenho com eles é tempo mais precioso que eu tenho em qualquer turno, poder trabalhar com eles juntos aqui. Outra dificuldade também é na linguagem, a linguagem utilizada com eles têm que ser mais simples, termos técnicos que muitas vezes mesmo corriqueiros não devem ser utilizados, uma abordagem mais simples para eles irem compreendendo de forma que eles vão evoluindo, vão se adaptando a linguagem. Eu atuo tanto no Módulo 1, quanto no Módulo 2 do Proeja e no Módulo 1 é uma linguagem mais simples e no Módulo 2 eu falo uma linguagem mais complexa de computadores, começo a falar de *softwares*, de *sites* e aplicativos, que eles já começam a ter maiores conhecimentos, então tem sempre essa evolução do conteúdo.

Você pretende continuar como professor do Proeja?

Pretendo, eu acho que apesar da grande dificuldade de eles têm. Todos que conhecem o Proeja no Brasil sabe como é que é. Eu acho que a turma que mais tem interesse e que quer ficar, que vai atrás e valoriza o ensino está no proeja, porque eles saíram da escola e experimentaram como é não terminar os estudos, perceberam e voltam e muitos dos que voltam, viram para a gente

e falam que para os filhos deles, eles não querem isso, querem que os filhos continuem no ensino. Eu quero atuar no Proeja pela emoção realmente de estar lá, e pela vontade que eles têm dá um animo para a gente continuar. Eu acho que eles têm que aprender coisas novas e da animo de continuar, satisfação, poder atuar na vida de alguém para obter significado para ele, que modifique realmente.

Entrevista M3.

Qual sua idade?

34 anos.

Qual é a sua formação?

Sou engenheiro eletricista.

Se formou quando?

2006.

Você começou a lecionar quando?

2014, em escola técnica 2014.

Como surgiu o interesse pelo trabalho docente na educação profissional?

Bem, foi meio por um acaso, mas tem um histórico. Eu trabalhava no desenvolvimento de produto numa empresa privada e fatalmente a gente tinha que treinar as pessoas para usar aquele equipamento novo, aquele material novo, então ali a gente já tinha um treinamento técnico que não existia ninguém para treinar, a gente tinha que desenvolver todo o material e fazer o treinamento dos técnicos. Eu voltei, eu não morava em Brasília, eu voltei a Brasília para fazer consultoria e surgiu oportunidade do IFB, e eu falei “ah eu sempre gostei de ensinar, gosto de área técnica por que a gente tem oportunidade de pesquisar”. Então foi meio que por um acaso assim, não foi um planejamento em longo prazo, aconteceu. Mas eu sempre tive esse lado de gostar mesmo de sala de aula, de ensinar, de lidar com aluno, de criar maneiras e de explicar alguma coisa.

Como você define o trabalho do professor no Proeja?

O trabalho do professor do Proeja ele tem duas vertentes: você tem que passar um conteúdo, mas a gente vê, eu sinto muito que tem o trabalho de tentar mostrar para o aluno o benefício de estar estudando, a gente vê que pelo menos metade do que a gente faz é tentar mostrar para o aluno que aquilo ali vai ter uma utilidade. São alunos que não estudavam, já tem uma vida constituída, já tem família, já vive, já trabalham, então muitas vezes eles não veem para que aquele sacrifício que eles estão tendo no momento e qual que é o benefício daquilo, então assim é um pouco assim, por um lado a gente está ensinando um conteúdo novo, está explicando matéria, mas tem muito um lado emocional de trabalhar com o aluno e falar “olha, isso vai valer a pena, é sacrificante, vai valer a pena”. É um pouquinho mais leve, por exemplo, no subsequente, o aluno já tem uma visão clara do benefício daquilo, é bem mais clara que no Proeja. O Proeja tem esse trabalho emocional muito forte, pelo menos eu sinto isso.

Para você, quem são esses jovens e adultos do Proeja?

Olha, eu sinto que é bem heterogêneo, mas eu acho que são pessoas que em geral sentem falta principalmente da EJA, apesar de ser Proeja eu sinto que eles valorizam muito a parte básica do ensino médio e o técnico é um incentivo a mais, pelo menos é a impressão que eu tenho.

Se você pudesse detalhar o perfil desses jovens.

Em geral, a gente tem trabalhado com gente entre 20 e 30 anos. Acho que a maioria está com esse perfil, talvez, por ser um curso técnico de edificações, a maioria é homem, grande maioria trabalha então pessoas que já trabalham, já tem uma função, em geral já tem uma família constituída, ou é casado ou já tem filho, etc.

Quais elementos da sua formação inicial contribui para a sua prática profissional no Proeja?

Se eu pensar só na parte da engenharia na universidade, é isso?

Olha, muito pouco, na universidade a gente não é treinado para dar aula e muito menos para dar aula para o técnico com esse perfil, então assim muito do que eu aprendi veio de personalidade. Eu sempre tive uma personalidade atenciosa, eu sempre gostei de ensinar, como eu disse, e depois que eu saí da

universidade por ter que ter tido essa tensão de treinamento, de trabalhar com parte técnica, acabei aprendendo, mas na universidade não tem nada.

Você sente que o professor do Proeja é valorizado?

Eu acho que não, principalmente pelo fato de que são turmas.... A gente tem muita dificuldade de manter o aluno, então a gente tem turmas vazias, que é um problema seríssimo, e meio que por causa disso tem um professor lá que está se dedicando, está tentando melhorar metodologias pra uma turma de 10 alunos, oito alunos, sete alunos, então isso tira um pouquinho o valor desse professor, porque a gente contabiliza muito por volume de sala de aula, quando comparamos, por exemplo, um de médio integrado, que a turma é cheia, são alunos jovens, com um futuro longo frente, dá para ver o desbalanço. Até a atenção que é dada para os outros cursos é bem diferente.

Lecionar em turmas de Proeja corresponde as suas expectativas como professor?

Adoro, eu gosto muito, eu acho que é um desafio muito legal. É um trabalho que a gente ainda está aprendendo, não está legal, então exige muita revisão do que está sendo feito, então a gente faz com a turma, vê o que funciona, melhora, aplica de novo, e é um processo que inclusive o campus está passando agora. A gente está querendo reformular porque é gratificante, mas é muito trabalhoso, como eu disse, esse lado emocional de adultos é difícil, um aluno de nível médio ele não tem escolha, o aluno de Proeja ele tem escolha, ele pode não fazer, então assim é muito bom, só que muito difícil, requer muito trabalho.

Quais são os elementos de satisfação em exercer a docência no Proeja?

Eu acho que a maior satisfação é quando você vê que você fispou o aluno. Como eu disse, minha matéria é uma matéria muito diferente, eu não dou uma matéria tradicional. A gente fez um projeto semestre passado, que se chama projeto integrador, sobre eficiência energética nos prédios. Você via que os alunos não estavam a fim, não estavam botando fé naquilo, mas quando acaba, eles veem o resultado, você divulga, fala “olha, a gente vai divulgar o

que vocês fizeram” dá para ver o orgulho neles e como eles se sentem, eles sentem o crescimento deles, então isso é muito bom.

Você teve dificuldade ou enfrentou alguns desafios em iniciar a docência no Proeja, se teve você pode especificar quais foram?

Tive, principalmente, a questão de base, ou seja, tentar achar onde é que está a base do aluno. Porque a gente sai de um curso que é pesado, chega aqui, faz uma divisão simples e metade da turma não entende e a outra metade entende muito bem. Então trabalhar com essa base lá em baixo, heterogeneidade da turma é bem difícil, foi um choque assim meio tive que sambar um pouquinho no começo, mas a gente vai pegando também.

A dificuldade dos alunos foi um problema para você?

Claro, e como. É muito heterogênea, se fosse toda a turma igualzinha talvez fosse mais fácil, mas a turma é muito heterogênea. Então realmente, você faz uma divisão às vezes tem três, quatro, cinco, metade da turma não sabe o que é aquilo, a outra metade está muito além daquilo, então como é que você equilibra isso? Você vai ensinar metade da turma coisa muito básica enquanto a outra está ali esperando e caí naquilo, o cara está ali se sacrificando para reaprender e como você faz a divisão sendo que ele já sabe, só que a outra metade não sabe? Então o fato da turma ser muito heterogênea e, em parte, isso reflete não só no Proeja, mas no nosso processo de seleção é desafiador.

E você enfrenta dificuldade em exercer a docência no P?

Dificuldade? Até que não, são turmas boas, eu pego um pouquinho mais à frente e são projetos diferenciados, então o pessoal costuma participar bem. Mas é assim, como são pessoas que trabalham, pessoas que precisam de um incentivo o tempo todo, às vezes você desgasta muito tentando trazer a turma. Então tem dia que você chega e não tem ninguém, já aconteceu de chegar para dar aula e não tinha ninguém na sala e você vai conversar com a turma e (...) “ah professor, estava cansado, trabalhei muito, professor anterior faltou a gente não ficou aqui” então isso é desgastante um pouco.

Com relação à estrutura do campus, você tem alguma dificuldade?

A estrutura é ótima, não, a estrutura aqui é muito boa. Talvez a localização dificulta um pouquinho, o horário de chegada e de saída também, mas fora isso não, a estrutura aqui está boa.

Leciona no Proeja há quanto tempo?

No Proeja eu estou há um ano e meio.

Você já iniciou nesse campus de Samambaia?

Isso, nesse campus aqui.

Professor M4.

Você é professor de qual disciplina?

História.

Qual sua idade?

32 anos.

Quanto tempo leciona?

Em outubro, faz 5 anos.

Como surgiu o interesse pelo trabalho docente na educação profissional?

Eu acho que a possibilidade de trabalhar na educação profissional, leiam-se, entende-se o Instituto Federal foi por mais um entendimento de poder trabalhar em várias modalidades, não só na educação profissional, como no ensino médio integrado ao ensino superior e também o proeja. Isso me agrada.

Como você define o trabalho do professor no Proeja?

É um desafio muito grande, tanto no intuito de fortalecer a autoestima dos alunos que, muitas vezes, abandonam no meio do caminho e também de autoconhecimento, de novas metodologias e novas perspectivas no curso.

Quem são os jovens e os adultos do Proeja?

São trabalhadores, são negros, são pobres, são pessoas que viram no IF, alguma possibilidade de ascensão social, de melhoria de vida, mas que tem muita dificuldade de lidar com conhecimentos básico por conta de uma má formação ou de uma formação inadequada ou ainda uma defasagem educacional muito grande do passado.

E essa dificuldade que eles têm com relação à própria escolaridade é uma dificuldade para você como professor?

É, de certa forma sim, mas eu tento driblar estas questões e fortalecer muito mais do que o conteúdo, mas desenvolver as competências que eles podem desenvolver por meio da história, então é um fator complicado, eu vejo que eles têm potencial e é desenvolver a auto estima deles.

Quais elementos da sua formação inicial contribui para a sua prática profissional no Proeja?

Compreensão do mundo por meio de uma perspectiva crítica, de entender o mundo de uma forma a não apenas reproduzir o *status quo*, de fazer questionar é muito importante isso na história por que se não a história vira mero conteúdo de internet que qualquer um pode acessar. “Qual é a razão do estudar história? ”. Então essa é a grande pergunta que eu faço nas minhas aulas e fazê-los estar em constante questionamento do seu fazer histórico enquanto cidadão, enquanto seu histórico e também na sua área profissional que está sendo optada

Você sente que o professor do Proeja é valorizado? Como?

No Instituto Federal talvez, mais do que em outros lugares porque a nossa carreira é baseada num plano de carreira que é um pouco melhor do que em outros lugares, então fica a critério do professor de ter vontade, paciência e desenvoltura para trabalhar com Proeja que é igual a dar aula em qualquer outra instância. Eu gosto muito de dar aula no Proeja, eu me sinto motivado em ver a vontade deles, eu acho uma função social muito importante.

Mas você sente que existe um certo preconceito entre professor que leciona pra turmas regulares e o professor que leciona para turmas do Proeja?

Tem alguns que são “bestas”, para não falar outra palavra. São professores que tem uma visão muito elitista que, a meu ver, é deformada, uma visão conteúdistas, uma visão de pouco sensível com as questões sociais e um olhar míope da importância e da necessidade do Proeja

Lecionar em turmas de proeja corresponde as suas expectativas como professor (a)?

Eu acho que sim, eu gosto, eu acho importante, apesar de fazer críticas ao modelo como ele é organizado que, muitas vezes, é uma cópia malfeita do ensino médio e que não cabe, muitas vezes. Eu acho que teria de mudar todo o plano de curso, pensar em novas estratégias para fomentar o curso para deixar mais atraente para quem pretende fazer.

É uma questão de modificar o currículo?

Sim, o currículo. As aulas deveriam ser pensadas de maneira diferente, por exemplo, aqui no IF tem uma aula de história, a aula dá para começar uma discussão, mas não avança muito, de repente fazer, parcialmente, ele mais concentrado modelo modular, não sei, alguma coisa que possa tornar a disciplina de história mais produtiva no seu tempo, que é curto.

Quais são os elementos de satisfação em exercer a docência no Proeja?

Justamente é ver os estudantes passarem a fazer questionamentos que antes não faziam: da sua condição social, porque estão ali. Muitas vezes alguns escolhem um curso do proeja apenas pelo ensino médio ou para verificar algum conhecimento que ele já tem na prática e que na teoria ainda falta conhecimento, então a teoria é uma coisa que eles vão buscar e a gente fala “não deixe de continuar, tenha também o diploma que isso também vai te ajudar, não só a teoria, mas o diploma”.

Você teve dificuldades/desafios em iniciar a docência no Proeja? Se teve, quais?

Talvez um pouco na questão, não tanto da relação com os alunos, mas da defasagem, mas que rapidamente eu consegui entender o que se passa, mas sempre acho que eu gosto do desafio. Não vejo grandes dificuldade, a meu ver, apesar de saber da defasagem, mas é uma coisa que precisa ter paciência, precisa ter desenvoltura para desenvolver um bom trabalho.

Você enfrenta dificuldades/desafios em exercer a docência no Proeja? Cite algumas.

Em iniciar, como eu já te disse, não há tanta, mas o exercer requer uma modificação no currículo, inevitavelmente, não dá pra fazer a mesma coisa, e também menos tempo, não tem que elencar a primeira dificuldade, é o que vou trabalhar com eles e, geralmente, a gente busca trabalhar com os projetos integradores e aí fazer as pontes, então o projeto integrador do Módulo 2, atualmente, é sobre o eixo, é sobre construções na idade média, muito haver com a história, então a partir daí eu tenho trabalhado mais com esse viés medieval nas turmas e dando mais ênfase nas construções e a importância dessas construções. Outra dificuldade de exercer é muitas vezes a apatia, o desânimo, o cansaço deles, que eles trabalham o dia todo, chegam aqui muitas vezes dormindo, então tem que fazer *stand-up*, tem que mexer com eles para que eles ao menos possam fazer atividades e prestar atenção, discutir, participar das aulas...

Dificuldades com estruturas, materiais didáticos...?

Não, na história não. Eu não tenho tanta dificuldade, como eu já te disse, muitas vezes é mais um bate-papo, conversa e eu tenho que desenvolver com eles, fazendo com que eles ao menos desenvolvam um ímpeto de curiosidade para que isso de repente auxilie a percepção histórica deles, a percepção histórica de que o tempo passa e também em outras disciplinas.

Você pensa, agora ou em longo prazo, deixar de dar aula no Proeja?

Não, eu prefiro sair de outra modalidade, mas eu quero ficar no Proeja.

Você se identificou mesmo?

É, eu acho que a educação quando não transforma não tem utilidade, ela precisa transformar a sociedade e ela precisa ter um viés de potencializar o oprimido, nunca o opressor, já dizia Paulo Freire.

E os alunos, você sente que eles entendem o que é o projeto do Proeja, o direcionamento que o proeja tem para a pessoa dele, para o público dele?

Parcialmente, uns estão lá meio que pela inércia, outros sabem da importância, mas não praticam tanto. É complicado, tem que estar muito em cima para não deixar a peteca cair, cansativo para todo mundo, mas...

Você fez o mestrado em 2009?

Terminei em 2009. Eu trabalhei com a repressão à exilados brasileiros na argentina durante a ditadura militar. Fiz mestrado na Universidade Federal do Mato Grosso e, nos tempos atuais, eu tenho percebido que a repressão continua mesmo no discurso de democracia. A educação quando ela não está voltada para emancipar o oprimido, o povo, ela não tem utilidade para transformar as pessoas, ela não vai transformar o mundo e quando não transforma o mundo ela é apenas uma porta giratória, uma engrenagem no sistema que oprime, que excluí, e que compactua com isso.